



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA**

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

TIAGO RICARDO FERNANDES ALVES

**NOVA EVANGELIZAÇÃO
IGREJA PARTICULAR BRAGANÇA-MIRANDA**

**Dissertação Final
sob orientação de:
Prof. Doutor Luís Miguel Figueiredo Rodrigues**

**Braga
2017**

Resumo

A dissertação presente, Nova Evangelização – Igreja Particular Bragança-Miranda, é um estímulo à mudança de mentalidade e de pastoral na Igreja Particular Bragança-Miranda, a começar na revisão de cada uma das paróquias e o contributo da instituição para a experiência de Deus por parte dos fiéis leigos. Fundamentada na sapiência dos últimos pontífices, traça-se um caminho pastoral de renovado entusiasmo para uma melhor vivência espiritual e comunitária nas paróquias.

A exigência e o desafio da mudança, até às últimas consequências, é para nós a certeza de que a palavra de Deus é viva e eficaz e que se faz sentir em todos os tempos e em todas as culturas.

Palavras-chave: nova evangelização; paróquias; fiéis leigos; experiência de Deus

Abstract

The present dissertation, New Evangelization – Particular Church of Bragança-Miranda, stands as an encouragement to changing mind and pastoral in the Particular Church of Bragança-Miranda, starting with the review of each parish as well as the institution's contribution to the experience of God on behalf of the lay faithful. Based on the wisdom of the previous Pontiffs, a pastoral path of renewed enthusiasm is laid for a better spirituality and community life in the parishes.

The demand and challenge of change, to the ultimate consequences, is for us the certainty that God's word is alive and efficient and that it is experienced at all time and all cultures.

Key words: *new evangelization, parishes, faithful lay, experience of God.*

Siglário

AA – CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Decreto sobre o apostolado dos leigos *Apostolicam Actuositatem* (18 de novembro de 1965).

AG – CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Decreto sobre a atividade missionária da Igreja *Ad Gentes* (7 de dezembro de 1965).

CD – CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Decreto sobre o ofício pastoral dos Bispos na Igreja *Christus Dominus* (28 de outubro de 1965).

ChL – JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica pós-sinodal *Christifideles Laici* (30 de dezembro de 1988).

CIC – CÓDIGO DE DIREITO CANÓNICO (25 de janeiro de 1983).

CCE – CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (8 de dezembro de 1990).

CT – JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae* (16 de outubro de 1979).

CV – BENTO XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate* (29 de junho 2009).

DCE – BENTO XVI, Carta Encíclica *Deus Caritas Est* (25 de dezembro de 2005).

DGC – CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório Geral da Catequese* (15 de agosto de 1997).

DV – CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Constituição dogmática sobre a revelação divina *Dei Verbum* (18 de novembro de 1965).

EEu – JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Ecclesia in Europa* (28 de julho de 2003)

Es – PAULO VI, Carta Encíclica *Ecclesiam suam* (6 de agosto de 1964).

EG – FRANCISCO, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (24 de novembro de 2013).

EN – PAULO VI, Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (8 de dezembro de 1975).

EV – JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Evangelium Vitae* (25 de março de 1995).

FC – JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Familiaris consortio* (22 de novembro de 1981).

GS – CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo *Gaudium et Spes* (7 de dezembro de 1965).

LF – FRANCISCO, Carta Encíclica *Lumen Fidei* (29 de junho de 2013).

LG – CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Constituição dogmática sobre a Igreja *Lumen Gentium* (21 de novembro de 1964).

NMI – JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte* (6 de janeiro de 2001).

PF – BENTO XVI, Carta Apostólica *Porta Fidei* (11 de outubro de 2011).

PO – CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Decreto sobre o Ministério e vida dos Presbíteros *Presbyterorum Ordinis* (7 de dezembro de 1965).

RH – JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Redemptor Hominis* (4 de março de 1979).

RMi – JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Redemptoris Missio* (7 de dezembro de 1990).

SC – CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Constituição sobre a Sagrada Liturgia *Sacrosanctum Concilium* (4 de dezembro de 1963).

SS – BENTO XVI, Carta Encíclica *Spe Salvi* (30 de novembro de 2007).

TMA – JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Tertio Millennio Adveniente* (10 de novembro de 1994).

UetS – BENTO XVI, Carta Apostólica *Ubicumque et Semper* (21 de setembro de 2010).

UR – CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Decreto sobre o Ecumenismo *Unitatis Redintegratio* (21 de novembro de 1964).

VC – JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Vita consecrata* (25 de março de 1996).

Introdução

A atividade evangelizadora da Igreja, desde o Pentecostes até ao fim dos tempos, insere-se no plano que Deus traçou para a salvação da Humanidade.

Fundada pelo próprio Deus, para que todos sejamos salvos e alcancemos o conhecimento da verdade (cf. 1 Tm 2, 4), a Igreja assume a missão expressa no envio pós-pascal de Jesus, «ide, pois, fazei discípulos de todas as nações, baptizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, e ensinando-os a observar tudo quanto vos mandei» (Mt 28, 19-20), mandato que levou os Apóstolos e os discípulos, «desde o princípio testemunhas oculares, e de cedo se converteram em servidores da palavra» (Lc 1, 2), a proclamar com firme esperança a mensagem da salvação a todos os homens, sem temor das consequências, confiados na Sua Palavra e no Seu exemplo.

Espalhada por toda a terra, como «o sacramento de salvação, o sinal e o instrumento de comunhão de Deus e dos homens» (CIC 780), a Igreja insere-se em todas as culturas e adapta-se a elas sem perder a sua identidade missionária visto que o homem é «o primeiro e fundamental caminho da Igreja» (RH 15), ela acompanha-o no seu contexto temporal e espacial, sempre em mudança.

Desde 1978, aquando do início do pontificado do papa João Paulo II, a Igreja, peregrina e missionária (cf. AG 2), vive numa discussão teológica e pastoral de onde resulta o conceito imbuído no espírito da missão da Igreja, traduzido logo em 1979

durante a sua homilia no Santuário de Santa Cruz, Polónia, por «uma nova evangelização»¹.

Perante este desafio, em boa hora lançado a toda a Igreja pelo papa João Paulo II (RMi 33), no sentido de repensar a sua relação com a sociedade, nomeadamente na Europa, e com cada uma das comunidades cristãs, pretendemos neste trabalho apresentar uma reflexão teológica ao serviço da missão, partindo da Igreja Particular Bragança-Miranda.

«A característica singular do sacerdote católico é o exercício do ministério pastoral. Todo o sacerdote é cristão – cristão para si e sacerdote para os outros: *christianus sibi; sacerdos aliis*»². Como cristão e como sacerdote, ao serviço desta porção do Povo de Deus, acolho também eu com expectativa este impulso renovador, com o fim de evangelizar com *novidade* o Povo de Deus que me foi confiado, prestando assim um serviço a esta diocese que, na hora que passa, toda ela repensa a situação atual da vida eclesial.

Porquanto, este estudo, propõe-se, primeiramente, perceber o que é que a nova evangelização tem a aportar à diocese de Bragança-Miranda para uma maior eficácia na transmissão da fé, buscando o fundamento para esta nova expressão missionária tendo como orientação algumas convicções dos últimos três pontífices. O discurso direto com que nos falamos, abre caminhos a ter em conta na hora de evangelizar de forma nova, num mundo em contínua mudança e no qual muitas são as pessoas que não conhecem a beleza do mistério de Cristo. Uma nova evangelização de relações, onde sobressai o encontro, como resultado da revelação de Deus unida à religiosidade do Seu povo³.

Num segundo momento, reflectindo acerca do *onde* da nova evangelização, apresenta-se uma realidade concreta: a Igreja particular de Bragança-Miranda. Destarte, no segundo

¹ JOÃO PAULO PP. II, *Homilia no Santuário de Santa Cruz em Mogila* (9 de Junho de 1979), 2 [<http://bit.ly/1OpPzAM> (15/05/2015)].

² JOÃO PP. XXIII, *Romanae Synodi Sessiones*, in *AAS* 52 (1960), 240.

³ E. SCHILLEBEECKS, *Cristo, o sacramento do encontro com Deus: estudo teológico sobre a salvação mediante os sacramentos*, 32.

ponto de reflexão, abordamos o território do ponto de vista histórico, geográfico e sociológico, a fim de, mediante essa análise do terreno, apontar soluções para as dificuldades detetadas.

Finalmente, no terceiro capítulo, aborda-se a pergunta acerca do *como*. Da confrontação entre o contexto cultural e os elementos fundantes assinalados no primeiro capítulo, sugerem-se propostas pastorais renovadas, fidedignas quer ao contexto cultural, quer aos elementos estruturantes da fé, apontando alguns horizontes, novos no seu *ardor*, nos *seus métodos* e na sua *expressão*⁴.

Pretende-se, com este trabalho abrir caminhos novos no deserto de uma pastoral habituada a manter o que sempre foi feito e, assim, caminharmos juntos, qual novo Êxodo, rumo a um oásis de pastoral de missão, concretizando a Igreja em saída preconizada por Francisco, à qual Bento XVI já aspirava: «A Igreja no seu conjunto, e os Pastores nela, como Cristo devem pôr-se a caminho para conduzir os homens fora do deserto, para lugares da vida, da amizade com o Filho de Deus, para Aquele que dá a vida, a vida em plenitude» (PF 2).

⁴ Cf. JOÃO PAULO PP. II, *Discurso na Abertura da XIX Assembleia do CELAM* (9 de Março de 1983) III, [<http://bit.ly/1jlfQDI> (17/05/2015)].

1. Nova Evangelização

A nova evangelização apresenta-se como uma das expressões mais reproduzidas⁵ no discurso teológico-pastoral de hoje. A reflexão teológica debate a natureza e as implicações, a programação pastoral centra-se no compromisso.

Foi João Paulo II que afirmou, com maior impulso, a necessidade de uma *fidelidade renovada*⁶ da mensagem patente no Evangelho e apresentou ao mundo a evangelização como programa central para a Igreja ao finalizar o segundo milénio, abrindo-se uma nova etapa no caminho (NMI 1), o tempo da nova evangelização. Embora já na abertura do Concílio Vaticano II, marco renovador para a evangelização, o papa João XXIII tenha expresso a necessidade de «investigar e expor a doutrina da Igreja segundo as exigências do nosso tempo»⁷, indo de encontro ao conceito de nova evangelização; também o Papa Paulo VI, mais tarde, pede «tempos novos de evangelização»⁸, e almeja:

«Tornar a Igreja do século XX mais apta para anunciar o evangelho à humanidade do mesmo século XX (...) a Igreja tem o dever de preservar na sua natureza intangível, ao mesmo tempo que o dever também de o apresentar aos homens do nosso tempo, tanto quanto é possível, de uma maneira compreensível e persuasiva» (EN 2-3).

O certo é que, nem João XXIII nem Paulo VI usam a expressão “nova evangelização”.

⁵ Cf. Felísimo Martínez Díez, *La nueva evangelización: restauración o alternativa?*, Dominicos, Madrid, 2009.

⁶ Cf. A. COUTO, *Os desafios da nova evangelização*, 5.

⁷ JOÃO PP. XXIII, *Gaudet Mater Ecclesia*, 6.

⁸ PAULO PP. VI, *Discurso por ocasião do encerramento da III Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos* (26 de Outubro de 1974): AAS 66 (1974), 637.

Um dos vários textos do Concílio Vaticano II que declara, explicitamente, embora não usando a expressão, a exigência de uma forma renovada a que a Igreja é chamada, por natureza, à evangelização, encontra-se no decreto sobre a atividade missionária *Ad Gentes*:

«As diferenças que nesta atividade da Igreja se têm de reconhecer, não se originam na natureza íntima da “missão”, mas nos condicionalismos em que essa “missão” se exerce. Esses condicionalismos tanto podem depender da Igreja como dos povos, dos agrupamentos ou até dos indivíduos a quem a “missão” se dirige.

(...) A cada condicionalismo e a cada situação devem corresponder acções apropriadas ou meios aptos (...)» (AG 6).

Porquanto, a expressão nova evangelização foi introduzida com toda a força no seu magistério pelo papa João Paulo II, em Nowa Huta, bairro industrial de Cracóvia. Mas sobressai aos ouvidos do mundo no discurso à XIX Assembleia Plenária do CELAM, celebrada no Haiti em março de 1983, com as seguintes palavras:

«A comemoração do meio milénio de evangelização terá o seu significado pleno se for um compromisso vosso como bispos, com os vossos presbíteros e fiéis; compromisso não de reevangelização, mas de uma nova evangelização. Nova no seu ardor, nos seus métodos e na sua expressão»⁹.

A 12 de outubro de 1984, novamente, apela para a nova evangelização no discurso dirigido aos Bispos da América Latina, reunidos em Santo Domingo (República Dominicana) no V Centenário da primeira evangelização. Nesta ocasião expressou-se nos seguintes termos:

«Uma nova evangelização da América Latina que anuncia com mais vigor – como a das origens – um potencial de santidade, um grande impulso missionário, uma vasta criatividade catequética, uma manifestação fecunda de colegialidade e comunhão, um combate evangélico de definição do homem, para

⁹ JOÃO PAULO PP. II, *Discurso na Abertura da XIX Assembleia do CELAM* (9 de Março de 1983) III, [<http://bit.ly/1jlfQDI> (17/05/2015)].

gerar, desde o seio da América Latina, um grande futuro de esperança: a civilização do amor»¹⁰.

Este discurso renovador de João Paulo II, embora em primeira mão no Continente Americano, rapidamente, se apresenta como um programa que se estende à Igreja em todos os continentes do mundo, nomeadamente, ao continente europeu fundado pelos alicerces do cristianismo, mas hoje alheado dos valores que a Igreja apresenta e dominado por um secularismo feroz e continuamente provada por um «*ofuscamento da esperança*» (EEu 7).

Globalmente, o conceito nova evangelização entende-se como o desafio da Igreja de hoje em refletir o estado presente da sua vida missionária com a intenção de dar uma resposta significativa aos grandes desafios que o mundo em contínua mudança lhe coloca, ou considerando-a como uma «intuição profética»¹¹, uma reflexão que olha o futuro para compreender de que modo será chamada a Igreja a desenvolver o seu ministério e a sua relação com cada pessoa em particular, pois «a meta da nova evangelização é levar a cada pessoa de hoje a mensagem alegre do amor incondicional e salvífico de Deus»¹².

Assim, a nova evangelização, «correlação de anúncio e realidade vital, na medida em que em situações diversas permite descobrir algo novo na própria mensagem»¹³, é um movimento mediante o qual «o Evangelho de sempre é anunciado com novo entusiasmo, novas linguagens compreensíveis numa condição cultural diferente e novas metodologias capazes de transmitir o sentido profundo que permanece inalterado»¹⁴.

Longe de apresentar uma única forma de ação, esta nova oportunidade para o evangelho, em cada cultura onde a Igreja se encontra¹⁵, exige uma atenção redobrada pois

¹⁰ JOÃO PAULO PP. II, *Discurso dirigido aos Bispos da América Latina, reunidos em Santo Domingo no V Centenário da primeira evangelização* (12 de Outubro de 1984), [<http://bit.ly/2e24ZN4> (19/05/2015)].

¹¹ R. FISICHELLA, *La nueva evangelización*, 11.

¹² M. MAIER, «A nova evangelização na Europa», in *Perspetiva Teologica*, 125 (2013), 62.

¹³ O. FUCHS, «Was ist Neuevangelisierung?», in *Stimmen der Zeit*, 210 (1992), 467.

¹⁴ R. FISICHELLA, *La nueva evangelización*, 31.

¹⁵ Cf. C. Theobald, «Hoje é o tempo favorável», in Ph. BACQ, C. THEOBALD, *Uma nova oportunidade para o evangelho – para uma pastoral de geração*, 68.

«a missão (evangelizadora da Igreja) assumiu na história formas e modalidades sempre novas segundo os lugares, as situações e os momentos históricos» (UetS). Sendo certo que cada comunidade exige um renovado impulso evangelizador, que se torna expressão de uma nova e generosa abertura à novidade de Deus, tornando perceptível ao mundo a capacidade da Igreja em olhar a realidade contemporânea na sua nova relação com Deus, percorrendo caminhos de modo a encontrar novas formas de anunciar o Evangelho.

Na aceitação deste tempo crítico da história a nova evangelização torna-se significado de respeito e de configuração do momento como *kairós*, ou seja, como tempo que é dado por Deus, rejeitando o lado negativo da crise e aceitando o seu sentido originário: um tempo de mudança radical, de transição. Um desafio pastoral, teológico e espiritual¹⁶ que pretende «avançar no caminho da conversão» (EG 25) da missão, impregnando todas as estruturas eclesiais e todos os planos pastorais das dioceses, unidades pastorais, paróquias, comunidades religiosas, movimentos e qualquer instituição da Igreja¹⁷.

Neste tema da nova evangelização surge uma pergunta inevitável, e é pela consciência clara deste contexto que, em larga medida, os papas apelam à nova evangelização: Em que situação nova nos encontramos?

Em geral, há a convicção de que se passou de uma sociedade tradicional, «cristã», e articulada desde uma certa estabilidade familiar, a uma nova sociedade mais concentrada nas zonas urbanas, plural, secularizada, na qual a transmissão da fé já não é garantida pela família, nem favorecida pelo ambiente, tão permeável a novas ideologias e costumes¹⁸.

Embora seja notório um discurso eclesial a favor dos desfavorecidos que se consubstancia numa opção pelos mais pobres (cf. EG 197), a pastoral social tem fraca

¹⁶ Cf. G. AUGUSTIN (ed), *El desafío de la nueva evangelización. Impulsos para la revitalización de la fé*, 19.

¹⁷ Cf. A. COUTO, *Os desafios da nova evangelização*, 50.

¹⁸ Cf. R. BERZOSA, G. GALETTO, *Hablemos de nueva evangelización. Para que sea nueva e evangelizadora*, 25.

expressão. Pese embora, organismos eclesiais como a Cáritas, façam um esforço considerável para articular a doutrina com a acção sócio-caritativa.

No que cabe às atitudes dos pastores, dos catequistas e dos agentes da pastoral, com idade e cansados, e cada vez em menor número, é perceptível uma tentativa de conjugar «benevolência pastoral e acolhimento de todos com a sã exigência e coerência de vida cristã»¹⁹, no entanto com tendência para uma escatologia benévola.

Começam a desenhar-se unidades pastorais no mundo rural e urbano (cf. Dioceses: Aveiro; Bragança-Miranda; Bilbao; Lausanne; Genève e Fribourg; Liège; Lisboa; Zamora) para dar uma resposta mais adequada à crescente despovoação e à escassez de presbíteros²⁰, apostando numa pastoral de conjunto com a pretensão de «*anunciar com ousadia o mistério do Evangelho*» (Ef. 36, 19).

É perceptível em vários movimentos eclesiais uma tendência de clausura sobre si mesmos: apresentam um pensamento de absolutização, clausura no próprio movimento, complexo de superioridade, pouco compromisso com o exterior, e por vezes com a própria comunidade paroquial em que se inserem²¹. Neste pensamento enclausurado sobressai falta de colaboração estável e organizada, dos fiéis leigos e religiosos no ministério apostólico, «de cooperação unânime na obra comum» (LG 30).

Foram estas questões que tornaram necessário o projecto da nova evangelização tendo em conta a nova realidade e contribuíram para o desenvolvimento do tema por parte dos pontífices João Paulo II e Bento XVI. Reflexão que, de resto, Francisco continua a considerar pertinente.

¹⁹ *Ibidem*, 26.

²⁰ JOÃO PAULO PP. II, *Discurso na Abertura da XIX Assembleia do CELAM* (9 de Março de 1983), I [<http://bit.ly/1jlfQDI> (17/05/2015)].

²¹ Cf. R. BERZOSA, G. GALETTO, *Hablemos de nueva evangelización. Para que sea nueva e evangelizadora*, 27.

1.1. Nova Evangelização segundo João Paulo II

«Nestes novos tempos, nestas novas condições de vida – volta a ser anunciado o Evangelho. Iniciou uma nova evangelização, quase como se se tratasse de um segundo anúncio, embora na realidade seja o mesmo»²².

Apostado em fortalecer a vida interna da Igreja, João Paulo II, logo no início do seu pontificado (1978 – 2005), escreveu a Carta Encíclica *Redemptor Hominis* apresentando Cristo como único Redentor do Homem e fundador da Igreja; como sacramento universal de Salvação e barca que a todos quer congregar, para testemunhar e difundir o Evangelho, Boa Nova do Reino Deus, a todos os povos de toda a terra.

Já enquanto Arcebispo de Cracóvia, João Paulo II convocou o II Sínodo daquela arquidiocese com a preocupação de revitalizar a fé no meio do regime comunista então vigente²³. Daqui se retira que o movimento da nova evangelização não surgiu como um ideal deste papa para a Igreja Universal enquanto seu chefe máximo, pois já na Igreja Particular, Karol Wojtyła demonstrava essa preocupação. Não obstante, o certo é que percebemos que esta temática tem um peso enorme no seu ministério.

Inteiramente imbuído no espírito renovador do Concílio Vaticano II, reconhecendo-o como uma nova etapa (cf. RH 2), é a partir dele que direciona o seu múnus pastoral, com uma sempre presente atenção aos seus antecessores: João XXIII, «com clarividência evangélica» (RH 6), que convocou o Concílio, e Paulo VI, que, «com a sua profunda sabedoria e coragem» (RH 3), o concluiu.

Outra preocupação que marca o pontificado de João Paulo II prende-se com a crise vocacional da Igreja do seu tempo, crise essa que também reclama uma nova evangelização:

«Aguda escassez de vocações sacerdotais e religiosas, bem como de outros agentes da pastoral, com o conseqüente resultado de ignorância religiosa,

²² JOÃO PAULO PP. II, *Homilia no Santuário de Santa Cruz em Mogila* (9 de Junho de 1979), 2 [<http://bit.ly/1OpPzAM> (15/05/2015)].

²³ Cf. G. L. B. HACKMANN, Tiago Á. CAMARGO, «A expressão “nova evangelização” e o seu desenvolvimento: do pontificado de João XXIII a Francisco», in *ATEO* 20 (2016), 625.

superstição e sincretismo entre os mais humildes; o crescente indiferentismo, e mesmo ateísmo, provocado pela moderna secularização, especialmente nas grandes cidades e nas camadas mais cultas da população; a amargura de muitos que, por causa de uma equívoca opção pelos pobres, se sentem abandonados e ignorados nas suas aspirações e necessidades religiosas; o desenvolvimento de grupos religiosos, carentes muitas vezes da verdadeira mensagem evangélica, e que, com os seus métodos de actuação pouco respeitadores da verdadeira liberdade religiosa, opõem sérios obstáculos à missão da Igreja Católica»²⁴.

Perante estes obstáculos o papa faz sobressair com frequência o papel importante dos leigos, «homens novos para iniciar um novo trabalho»²⁵, na missão da Igreja, na medida em que constituem a fatia maior do Povo de Deus, apelando a que «respondam com decisão de vontade, ânimo generoso e disponibilidade de coração à voz de Cristo, que nesta hora os convida com maior insistência» (ChL 2). Por isso, entende João Paulo II que a Igreja deve «estimular todos os baptizados e crismados a tomar consciência da sua própria e activa responsabilidade na vida eclesial» (NMI 46) para que neste desafio da nova evangelização, «ao lado do ministério ordenado floresçam novos ministérios» laicais (NMI 46), pois a Igreja é um corpo ministerial. Mais, afirma: «não é lícito a ninguém ficar inativo» (ChL 3), «porque ficais aí o dia inteiro sem trabalhar?» (Mt 20, 3-4), entendendo, por isso, que é necessário que todos cooperem no plano da salvação instaurado por Deus aqui neste mundo «com os seus valores e problemas, as suas ânsias e esperanças, as suas conquistas e fracassos» (ChL 3).

Seguindo a linha do Concílio Vaticano II, João Paulo II defende a multiplicidade e diversidade das vocações na Igreja e, por isso, na sua missão de fazer uma ponte entre os problemas da pessoa humana, da comunidade e do amor de Deus, manifestado em Jesus Cristo, a ação evangelizadora da Igreja passa por «descobrir cada vez melhor a vocação própria dos fiéis leigos» (NMI 46) que, em união pastoral, pois todos são operários do

²⁴ JOÃO PAULO PP. II, *Discurso na Abertura da XIX Assembleia do CELAM* (9 de Março de 1983), I, [<http://bit.ly/1jlfQDI> (17/05/2015)].

²⁵ G. L. B. HACKMANN, Tiago Á. CAMARGO, «A expressão “nova evangelização” e o seu desenvolvimento: do pontificado de João XXIII a Francisco», in *ATeo* 20 (2016), 625.

mesmo Senhor, «assentes no primado da graça, da contemplação, da comunhão e da oração»²⁶, unidos entre si e movidos, quer pela transformação da mente, quer pela conversão do *coração*, hão-de fazer com que o esforço da programação e da multiplicação dos meios não seja em vão.

Reconhecendo que cada indivíduo é único e por isso tem uma forma única da experiência pessoal do acolhimento de Deus, que se comunica a Si como a um amigo (cf. DV 2), pontualiza-se a necessidade de que sejam os leigos, «com zelo inflamado e generoso» (CT 60) a que, «tratando das realidades temporais e ordenando-as segundo Deus» (LG 3), exerçam o seu ofício santificando o mundo a partir do testemunho da própria vida e da família, assemelhada à vida de Cristo, para que no seu quotidiano se formem grupos de estudo na fé onde as pessoas cresçam juntas «para uma nova identidade»²⁷.

Tudo o que hoje conhecemos, a partir da Escritura e da Tradição, anunciado há dois mil anos, permanece idêntico como no primeiro dia da nossa chegada à fé²⁸, por isso, e perante isto, João Paulo II apelava ao desenvolvimento da postura dos crentes perante a sua pertença a Cristo e não um mero conhecimento da Sagrada Escritura. Para tanto, é necessária uma mudança de mentalidade. É imprescindível um empenhamento vivido e pessoal, a fim de que a vida concreta de cada um ateste credibilidade e espelhe o rosto de Cristo.

Falar de nova evangelização é para João Paulo II falar de uma nova oportunidade para o Evangelho²⁹, nova no seu entusiasmo, nos seus métodos, na sua expressão³⁰, um novo

²⁶ NOTA PASTORAL DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA: «*Promover a Renovação da Pastoral da Igreja em Portugal*».

²⁷ Ph. BACQ, «Para uma pastoral de gestação», in Ph. BACQ, C. THEOBALD, *Uma nova oportunidade para o Evangelho – para uma pastoral de gestação*, 25.

²⁸ Cf. R. FISICHELLA, *La nueva evangelización*, 61.

²⁹ Ph. BACQ, C. THEOBALD, *Uma nova oportunidade para o Evangelho – para uma pastoral de gestação*.

³⁰ JOÃO PAULO PP. II, *Discurso na Abertura da XIX Assembleia do CELAM* (9 de Março de 1983), III, [<http://bit.ly/1jlfQDI> (17/05/2015)].

impulso anunciador, um esforço responsável e criativo, que faz com que a Igreja, situada nos vários cantos do mundo, coexistindo com as «alegrias e as esperanças, as tristezas e as angustias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem» (GS 1) tome consciência de que é necessário acompanhar as mudanças hodiernas e anunciar o Evangelho inalterável adoptando uma «modalidade expressiva com a qual a mesma mensagem é comunicada, para corresponder ao mudado contexto social e cultural»³¹.

A nova evangelização tem de ser nova no entusiasmo, o que remete para a alegria, para o vigor e para a confiança dos primeiros evangelizadores, «sei em quem acredito e estou persuadido de que Ele tem poder para guardar, até aquele dia, o bem que me foi confiado» (2 Tm 1, 12). Na alegria do anúncio do Reino, a nova evangelização requer que, com igual fulgor, os agentes de evangelização de hoje aprendam com Cristo, os Apóstolos, São Paulo e os discípulos que em «cada dia, no templo e pelas casas, não cessavam de ensinar e de anunciar a Boa Notícia de Jesus Messias» (At 5, 42).

Recordar a evangelização no tempo da diáspora, que no seu entusiasmo e na sua criatividade original conseguiram responder às novas situações que iam encontrando e os novos problemas que surgiam. O entusiasmo para a ação missionária há-de encontrar-se na oração íntima com Deus, à imagem de Cristo, que subia ao monte para rezar³², encontrando nela «a fonte da vida e da santidade» (RH 7), pois «se Deus não edificar a casa em vão trabalham os construtores» (Sal 127, 1). Como uma forma de participação, a alegria da oração deve acompanhar toda a ação missionária, toda a ação da Igreja Universal e Particular, para que de forma mais plena «o anúncio da Palavra se torne eficaz pela graça divina» (RMi 78). Assim, é na arte da oração, experiência pessoal da amizade de Deus e vivência comunitária de séria alegria, que se encontra a fonte da

³¹ R. FISICHELLA, *La nueva evangelización*, 75-76.

³² Cf. Lc 6, 12; Mc 1, 35; Lc 10, 21.

felicidade evangelizadora, pois a oração constitui «a substância, a alma da vida cristã, e é condição de toda a vida pastoral autêntica» (NMI 32).

Este novo e eficiente entusiasmo acontece, em espírito de oração, «programa exigente e irrecusável de vida e de acção» (ChL 64) quando cada homem confia pacientemente no crescer do pequeno grão de mostarda que se tornará em grande árvore, desafiando-nos a uma postura daquele que semeia e não que colhe. Assim, enraizada na confiança divina, a Igreja encontra vitalidade na alegria resplandecente da saudação do anjo Gabriel a Maria: «Alegra-te» (Lc 1, 28).

Hoje, «a alegria é o impulso mais intrínseco da evangelização»³³, de forma que a Igreja, comunidade de batizados, é chamada a oferecer ao homem secularizado uma resposta secular, e esta resposta está no testemunho de fé e de verdadeira alegria cristã, principalmente da parte fiéis leigos, convidados «a evangelizar com ardor e audácia»³⁴.

No que diz respeito aos novos métodos, o ponto de partida há de ser a catequese, isso mesmo aponta João Paulo II nestes termos:

«A idade e o desenvolvimento intelectual dos cristãos, bem como o seu grau de maturidade eclesial e espiritual e muitas outras circunstâncias pessoais exigem que a catequese adopte métodos muito diversos, para poder alcançar a sua finalidade específica: a educação para a fé» (CT 51).

Daqui retiramos a necessidade de encontrar novos métodos para apresentar o Evangelho, não caindo «na extravagância de inventar novidades somente para satisfazer a contemporaneidade sempre em movimento e pronta para qualquer experiência»³⁵, mas fomentando «uma especial criatividade no estabelecimento de ministérios e serviços que possam ser exercidos por leigos, de acordo com as necessidades da evangelização»³⁶. A variedade destes, «ministérios, ofícios e funções» (ChL 23), é um sinal de vida e uma

³³ G. AUGUSTIN (ed), *El desafío de la nueva evangelización. Impulsos para la revitalización de la fé*, 84.

³⁴ DOCUMENTO DE PUEBLA, 34.

³⁵ R. FISICHELLA, *La nueva evangelización*, 64.

³⁶ DOCUMENTO DE PUEBLA, 833.

riqueza (CT 51) para as necessidades de muitas comunidades, empobrecidas e despovoadas, daí a importância que João Paulo II atribui aos leigos, apelando a que os pastores procurem: «Os meios adequados que favoreçam aos leigos uma autêntica experiência de Deus (...) favorecendo a organização dos leigos em todos os níveis da estrutura pastoral, baseada em critérios de comunhão e participação»³⁷.

No sentido de fortalecer todos os processos orgânicos válidos até ao momento, alude a que o processo educativo da fé «se realize através de uma pedagogia experimental, participativa e transformadora»³⁸ e que se desenvolva, passo a passo, com «o processo do crescimento humano, tendo em conta os diversos elementos, como o desporto, a festa, a música, o teatro»³⁹. Assim, como ao longo dos tempos se foram encontrando soluções para evangelizar, hoje, num mundo com mudanças tão profundas e rápidas, é necessário encontrar novos e apropriados métodos. A formação, a criatividade e a avaliação dos trabalhos na Igreja são opções necessárias que ajudam à dinâmica da evangelização para que assim as experiências vividas suscitem um dinamismo novo e levem a investir em iniciativas concretas àquilo que se sente (cf. NMI 15).

Para que haja uma atualização da Igreja e uma «renovação da consciência da sua missão salvífica»⁴⁰ é necessário «amadurecer continuamente» (ChL 57) e, por isso, neste campo dos novos métodos, a formação dos fiéis deverá ser uma das prioridades de cada diocese e deste modo, encontrar-se-á o lugar próprio na ação pastoral para cada um deles. Esta formação configura um «caminho mais longo, mas mais completo»⁴¹, visto que «não basta apenas saber o que Deus quer de nós, de cada um de nós, nas várias situações da vida, é preciso fazer o que Deus quer» (ChL 58). A formação permanente constitui assim

³⁷ DOCUMENTO DE SANTO DOMINGO, 109-110.

³⁸ *Ibidem*, 119.

³⁹ *Ibidem*, 119.

⁴⁰ JOÃO PAULO PP. II, *Homilia na catedral de Wawel no encerramento do Sínodo Arquidiocesano de Cracóvia* (8 de Junho de 1979), 1 [<http://bit.ly/1No2q7a> (23/11/2015)].

⁴¹ *Ibidem*, 2.

um método que faz frente aos «gravíssimos erros que ameaçam subverter a religião, a ordem moral e a própria sociedade humana» (AA 6).

Para estar «sempre prontos a dar razão da vossa esperança» (1 Pe 3, 15) é necessário pensar o problema quer da transmissão da mensagem, numa linguagem apropriada, quer da plena fidelidade do conteúdo da nova evangelização. João Paulo II apresenta um caminho de sapiência: «Uma nova estação abre-se diante dos nossos olhos: trata-se do tempo do aprofundamento dos ensinamentos conciliares, o período da colheita daquilo que os Padres conciliares semearam e a geração destes anos cuidou e esperou».⁴²

Esta nova estação exige a oferta da possibilidade de formação a todos, como nova expressão, para que em unidade, sobretudo os pobres, «formados pela Igreja e na Igreja» (ChL 61), colaborem com Deus, «o primeiro e o grande educador do Seu Povo» (ChL 61). Uma organização de itinerários formativos que ajudem a crescer na fé permitindo a que todos tomem parte ativa na Igreja e, cristãmente, uma ação eficaz na sociedade⁴³, que o Bispo há-de acompanhar com uma assídua atenção (cf. CT 71).

No desafio da nova evangelização, e na proposta novidade da expressão num contexto de mudanças espirituais e culturais, os teólogos são uma chave renovadora, quer ao clarificar a palavra de Deus para poder ser transmitida e acolhida por todos os homens ajudando a permanecer na verdade (cf. Jo 8, 31), quer ao contribuir para uma mais profunda «compreensão das realidades e das palavras transmitidas» (DV 8). Assim, neste tempo são eles um meio de evangelização para que, «em comunhão com o magistério»⁴⁴, se possam compreender à luz do Evangelho as realidades terrestres em mudança, ou seja,

⁴² JOÃO PAULO PP. II, *Discurso no Encerramento do Congresso Internacional sobre a Actuação dos Documentos conciliares* (27 de Fevereiro de 2000), 9 [<http://bit.ly/1R80Ovf> (17/05/2015)].

⁴³ Cf. JOÃO PAULO PP. II, *Discurso na Abertura da XIX Assembleia do CELAM* (9 de Março de 1983), III [<http://bit.ly/1jlfQDI> (17/05/2015)].

⁴⁴ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Instrução Donum Veritatis - sobre a vocação eclesial do teólogo* (24 de maio de 1990), 15: AAS 82 (1990) 1557.

um discernimento evangélico para uma cooperação conjunta para uma mais profunda compreensão e realização da Palavra de Deus (cf. FC 5)

Convidados a intensificar a sua vida de fé e a unir sempre pesquisa científica e oração⁴⁵ tornam-se elementos essenciais para a vida espiritual dos fiéis que se entregam ao mistério de Cristo, como um direito que lhes assiste em saber a quem se entregam na fé⁴⁶. Nesta hora «os teólogos e os homens de ciência na Igreja são chamados a unir a fé com a ciência e a sabedoria» (RMi 19), contribuindo particularmente para a importante função de anúncio da fé dos missionários em todo o mundo⁴⁷. Cabe-lhes, em razão do carisma que receberam, participar da edificação do Corpo de Cristo na unidade e na verdade, pois sendo que a sua contribuição se torna necessária para a evangelização a nível mundial, na sua comunhão com a Sagrada Escritura e a Sagrada Tradição participam da missão da Igreja, mantendo assim «em comunhão com todos os membros do Povo de Deus, uma grande parte de responsabilidade» (ChL 32; cf. LG 12).

Para que a evangelização seja nova na sua expressão, onde todos são chamados a ser «cooperadores da verdade» (3 Jo, 8), tendo em conta o mandato de Jesus: «ide vós também para a minha vinha» (Mt 20, 4), é fulcral um acompanhamento formativo com cada batizado, para que possa «fazer-se portador credível»⁴⁸ e oferecer o «confortante testemunho de amor apaixonado por Cristo e pela Igreja com a sua presença ativa» (ChL 35). Apenas a sólida formação, vinculada ao testemunho de vida, faz com que cada batizado possa «levar o Evangelho às pessoas com quem se encontra, tanto aos mais íntimos como aos desconhecidos» (EG 127), e com isto chamá-los à conversão e à adesão a Cristo. Suscitar uma linguagem na Igreja que não seja alheia e distante da linguagem do

⁴⁵ Cf. JOÃO PAULO PP. II, *Discurso por ocasião da entrega do «Prémio Internacional Paulo VI» a Hans Urs von Balthasar* (23 de junho de 1984), [<http://bit.ly/1N49Usg> (25/05/2015)].

⁴⁶ Cf. JOÃO PAULO PP. II, *Discurso durante o encontro com os professores de Teologia em Altötting* (18 de Novembro de 1980), [<http://bit.ly/1P4tlEs> (27/05/2015)].

⁴⁷ Cf. *Ibidem*.

⁴⁸ R. FISICHELLA, *La nueva evangelización*, 115.

povo, com um trabalho paciente que compreenda os termos eclesiais e que os coloque pedagogicamente em símbolos, cheios de conteúdo, sem com isso perder a fidelidade ao Evangelho.

Este movimento de encontrar nova expressão, aberto a todas as áreas e temas, deve incidir com maior cuidado na catequese, visto que é ela o «instrumento por excelência para a educação da fé das futuras gerações, de modo a orientá-las para um dinamismo social»⁴⁹. Assim, entendida como «uma educação da fé das crianças, dos jovens e dos adultos, que compreende especialmente o ensino da doutrina cristã, ministrado em geral dum modo orgânico e sistemático, em ordem à iniciação na plenitude cristã» (CT, 18), é nela onde deve recair a maior preocupação.

É nestes moldes que o papa João Paulo II nos apela para a nova evangelização, que seguindo novos caminhos, há de levar todo o Povo de Deus a um caminho de comunhão e participação.

1.2. Nova evangelização na perspectiva de Bento XVI

«Nova evangelização: “nova” não nos seus conteúdos, mas no seu impulso interior, aberto à graça do Espírito Santo, que constitui a força da lei nova do Evangelho e que sempre renova a Igreja; “nova” na busca de modalidades que correspondam à força do Espírito Santo e sejam adaptadas aos tempos e às situações; e “nova”, porque necessária também nos países que já receberam o anúncio do Evangelho».⁵⁰

Dando continuidade à herança deixada pelo antecessor, Bento XVI (2005 – 2013) apresenta a Igreja jovem e aberta ao futuro⁵¹ projetando-a no caminho da verdade, com

⁴⁹ JOÃO PAULO PP. II, *Discurso na Abertura da XIX Assembleia do CELAM* (9 de Março de 1983), II [<http://bit.ly/1jlfQDI> (17/05/2015)].

⁵⁰ BENTO PP. XVI, *Homilia de Primeiras Vésperas da Solenidade dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo* (28 de Junho de 2010), [<http://bit.ly/1Zma0lX> (09/10/2015)].

⁵¹ Cf. *Ibidem*.

caridade. Para tanto, desafia-a a reflectir, «com urgência»⁵² nos desafios, históricos, sociais e espirituais da época contemporânea, apresentando-a como uma imensa força renovadora que tem a missão de anunciar a Boa Nova do Reino de Deus, até nos desertos do mundo secularizado, onde a alma também tem sede de Deus, do Deus vivo⁵³.

Nesta perspectiva renovadora, como que por «intuição profética»⁵⁴, criou um novo organismo: o Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização, com a tarefa principal de:

«Promover uma renovada evangelização nos países onde já ressoou o primeiro anúncio da fé e estão presentes Igrejas de antiga fundação, mas que vivem no momento uma secularização progressiva da sociedade e uma espécie de «eclipse do sentido de Deus», constituindo um desafio para encontrar os meios adequados com a finalidade de voltar a colocar a verdade perene do evangelho de Cristo»⁵⁵.

Com um notável discurso, confiante de que «a Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária» (AG 2), Bento XVI assume que ela tem de ser fiel ao mandato de Jesus: «Ide, pois, ensinai todas as nações, baptizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-as a cumprir tudo o que vos tenho mandado» (Mt 28, 19-20). Desse modo, entende ser necessário que também ela apresente a expressão da sua própria natureza. A criação deste Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização, «organismo que leva em consideração as transformações sociais e culturais que desempenham influência sobre a realidade religiosa do ser humano»⁵⁶, além de se propor a recordar que a missão da Igreja «assumiu na história formas e modalidades sempre novas de acordo com os lugares, as situações e os momentos históricos» (UetS), vem afirmar que essa missão consiste em ensinar a arte de viver na alegria, pois «se é

⁵² Cf. G. L. B. HACKMANN, Tiago Á. CAMARGO, «A expressão “nova evangelização” e o seu desenvolvimento: do pontificado de João XXIII a Francisco», in *ATEO* 20 (2016), 635-638.

⁵³ Cf. BENTO PP. XVI, *Homilia de Primeiras Vésperas da Solenidade dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo* (28 de Junho de 2010), [<http://bit.ly/1Zma0IX> (09/10/2015)]

⁵⁴ R. FISICHELLA, *La nueva evangelización*, 11.

⁵⁵ BENTO PP. XVI, *Homilia de Primeiras Vésperas da Solenidade dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo* (28 de Junho de 2010), [<http://bit.ly/1Zma0IX> (09/10/2015)].

⁵⁶ G. L. B. HACKMANN, Tiago Á. CAMARGO, «A expressão “nova evangelização” e o seu desenvolvimento: do pontificado de João XXIII a Francisco», in *ATEO* 20 (2016), 636.

desconhecida a arte de viver, tudo o resto não funciona, faz falta uma nova evangelização»⁵⁷. Só redescobrimo o caminho da fé se pode fazer brilhar a alegria e o renovado entusiasmo (cf. PF 2) de perceber o caminho ao encontro de Jesus Cristo e dos irmãos, e de viver situações particulares como:

«O fenómeno do afastamento da fé, que se manifestou progressivamente nas sociedades e culturas que há séculos estavam impregnadas pelo Evangelho. As transformações sociais às quais assistimos nos últimos decénios têm causas complexas, que afundam as suas raízes no tempo longínquo e modificaram profundamente a perceção do nosso mundo. Considerem-se os gigantescos progressos da ciência e da técnica, o ampliar-se das possibilidades de vida e dos espaços de liberdade individual, as profundas mudanças em âmbito económico, o processo de mistura de etnias e culturas causado por maciços fenómenos migratórios, a crescente interdependência entre os povos» (UetS).

A nova evangelização, para Bento XVI, não é sinónimo de atrair, imediatamente, com novos métodos, mais refinados, as grandes massas que se distanciaram da Igreja; a seu ver, significa, antes, acolher o Reino de Deus, intensificando a celebração da fé na liturgia, mormente, na Eucaristia e a promoção de um testemunho de vida vigoroso por parte dos crentes, para que cresça a credibilidade do que se diz pelo que se pratica. Como nos apresenta na sua Carta Apostólica, é necessário «redescobrir novamente os conteúdos da fé professada, celebrada, vivida e rezada, e refletir sobre o próprio ato com que se crê, é um compromisso que cada crente deve assumir» (PF 9). Este movimento renovador não é uma fórmula para todas as pessoas e circunstâncias, mas sim «uma experiência profunda de Deus» (UetS). Pode dizer-se assim que, para Bento XVI, o primeiro passo na obra da nova evangelização consiste em «ser dócil à obra gratuita do Espírito do Ressuscitado, que acompanha quantos são portadores do Evangelho e abre o coração daqueles que se põem à escuta» (UetS), o encontro de cada homem «com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e com isto uma

⁵⁷ J. RATZINGER, *Conferência do Jubileu dos Catequistas e Professores em Roma* (10 de Dezembro de 2000), [<http://bit.ly/1jiEuEc> (09/10/2015)].

orientação decisiva» (DCE 1). Antes de partir para a ação prática, segundo Bento XVI, é preciso compreender, experimentar e render-se ao amor que Deus sente por cada homem e mulher em concreto e só assim se poderá avançar numa nova evangelização, ou seja «num renovado empenhamento na resposta humana ao amor de Deus» (DCE 1).

Confiante de que a missão da Igreja é a mesma e única missão confiada aos Apóstolos e discípulos, o Sumo Pontífice afirma que o Espírito que impulsionou o abrir das portas do cenáculo é o mesmo que impele os novos evangelizadores a anunciar com renovado vigor o Evangelho, convencendo o homem contemporâneo muitas vezes distraído e insensível⁵⁸.

O Arcebispo Rino Fisichella, nomeado pelo papa Bento XVI para o Pontifício Conselho para a Nova Evangelização, recolhe uma definição do pontífice:

«O termo «nova evangelização» recorda a exigência de uma modalidade renovada de anúncio, sobretudo para aqueles que vivem num contexto, como o actual, onde os desenvolvimentos da secularização deixaram graves marcas inclusive nos países de tradição cristã. O evangelho é o anúncio sempre novo da salvação obrada por Cristo para tornar a humanidade participante no mistério de Deus e da sua vida de amor e abri-la a um futuro de esperança fiável e forte. (...) neste momento da história da Igreja está chamada a realizar uma nova evangelização, isto é intensificar a acção missionária para corresponder plenamente ao mandato do Senhor»⁵⁹.

Neste sentido, é perceptível que a nova evangelização, para Bento XVI, exige a capacidade de dar razão da própria fé e, por tal, um dos caminhos fundamentais passa por combater «a ignorância da pessoa de Jesus Cristo e a ignorância da sublimidade dos ensinamentos, do seu valor e universal à procura do sentido da vida e da felicidade»⁶⁰.

Torna-se necessário, então, apresentar, com maior clareza, que a Igreja não se opõe ao

⁵⁸ Cf. BENTO PP. XVI, *Discurso à primeira assembleia plenária do Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização* (30 de Maio de 2011), [<http://bit.ly/1jiHjVX> (10/10/2015)].

⁵⁹ R. FISICHELLA, *La nueva evangelización*, 143.

⁶⁰ BENTO PP. XVI, *Discurso aos trabalhadores do mundo do espectáculo itinerante promovido pelo Pontifício Conselho para a pastoral dos Migrantes e Itinerantes* (1 de Dezembro de 2012), [<http://bit.ly/2gnwq5m> (24/11/ 2016)].

mundo e que existem valores que, nascidos fora da Igreja, podem encontrar o seu lugar dentro da mesma, uma vez revistos e corrigidos, sem com isso deixar de proclamar a verdade sobre Deus, sobre Jesus e sobre o Homem, chamando o pecado e a graça com o seu próprio nome⁶¹.

Ao criar o Conselho para a Promoção da Nova Evangelização, Bento XVI apresenta e deixa claro quais as tarefas do mesmo:

- «1. Aprofundar o significado teológico e pastoral da nova evangelização;
2. Promover e favorecer, em estreita colaboração com as Conferências Episcopais interessadas, que poderão dispor de um organismo ad hoc, o estudo, a difusão e a aplicação do Magistério pontifício relativo às temáticas vinculadas à nova evangelização;
3. Dar a conhecer e incentivar iniciativas ligadas à nova evangelização já em curso nas várias Igrejas particulares e promover a realização de outras novas, comprometendo também concretamente os recursos presentes nos Institutos de Vida Consagrada e nas Sociedades de Vida Apostólica, assim como nas agregações de fiéis e nas novas comunidades;
4. Estudar e favorecer a utilização das formas de comunicação modernas, como instrumentos para a nova evangelização;
5. Promover o uso do Catecismo da Igreja católica, como formulação essencial e completa do conteúdo da fé para os homens do nosso tempo» (UetS).

A todos os que estão nas fronteiras da nova evangelização⁶², para que a evangelização chegue a todos, contribuindo para que homens e mulheres cheguem ao conhecimento pleno da verdade, o papa convida a usar, de modo adequado, os métodos modernos para que se oiça a voz da Igreja, ou melhor, «para tornar acessível e compreensível a voz do Senhor»⁶³ e, com isto, «a Palavra do Senhor avance e seja glorificada» (2 Ts 3, 1) num mundo que se encontra, lamentavelmente, vazio de ideias (cf. CV 53). No entanto, alerta para que não se descure a mútua relação entre o silêncio e a palavra, na medida em que

⁶¹ Cf. J. RATZINGER, *Diálogos sobre a Fé*, 30.

⁶² Cf. BENTO PP. XVI, *Homilia da Santa Missa para a Nova Evangelização* (16 de Outubro de 2011), [<http://bit.ly/1QeHuMQ> (09/10/2015)].

⁶³ J. RATZINGER, *Conferência do Jubileu dos Catequistas e Professores em Roma* (10 de Dezembro de 2000) [<http://bit.ly/1jiEuEc> (09/10/2015)].

«quando se excluem, a comunicação deteriora-se, porque provoca um certo aturdimento ou, no caso contrário, cria um clima de indiferença»⁶⁴. É explícito que para Bento XVI o objeto da evangelização tem mais importância que o sujeito, recomendando aos agentes da evangelização que «educar-se em comunicação quer dizer aprender a escutar, a contemplar, para além de falar»⁶⁵.

O diálogo fecundo entre a fé e a razão (Cf. CV 57), para Bento XVI, é também um caminho de nova evangelização e uma força nova ao espírito missionário da Igreja, principalmente nos países onde impera o secularismo, daí dizer que:

«Considero importante sobretudo o facto de as pessoas que se consideram agnósticas ou ateias deverem também estar-nos a peito a nós como crentes. Quando falamos de uma nova evangelização, talvez estas pessoas se assustem. Não se querem ver objeto de missão, nem renunciar à sua liberdade de pensamento e de vontade. E todavia a questão acerca de Deus permanece em aberto também para elas, mesmo se não conseguem acreditar no carácter concreto da sua solicitude por nós»⁶⁶.

O incentivo ao «Átrio dos Gentios» constitui, por isso, outro dos grandes contributos de Bento XVI no alicerçar do projeto de nova evangelização proposto pelo antecessor. Trata-se de uma estrutura, sob a alçada do Pontifício Conselho para a Cultura que promove encontros de diálogo à volta do tema da fé, entre crentes e não crentes. A ideia, embora não sendo nova, na medida em que já em 1965 Paulo VI havia criado o Secretariado para os não crentes, ganhou novos contornos a 21 de dezembro de 2009, no discurso de felicitações natalícias que Bento XVI dirigiu à Cúria Romana, onde manifestou o desejo de diálogo e lançou as bases para a criação desta estrutura do seguinte modo:

⁶⁴ BENTO PP. XVI, *Mensagem para o 46º Dia Mundial das Comunicações Sociais «Silêncio e Palavra: caminho de evangelização»* (20 de Maio de 2012), [<http://bit.ly/1RyGeoG> (09/10/2015)].

⁶⁵ *Ibidem*.

⁶⁶ BENTO PP. XVI, *Discurso à Cúria Romana para a apresentação dos bons votos de Natal* (21 de Dezembro de 2009), [<http://bit.ly/1Zmgnpb> (10/10/2015)].

«Penso que a Igreja deveria também abrir uma espécie de “átrio dos gentios”, onde os homens pudessem de qualquer modo agarrar-se a Deus, sem O conhecer e antes de terem encontrado o acesso ao seu mistério (..) Ao diálogo com as religiões deve acrescentar-se hoje sobretudo o diálogo com aquelas pessoas para quem a religião é uma realidade estranha, para quem Deus é desconhecido, e contudo a sua vontade não é permanecer simplesmente sem Deus, mas aproximar-se d’Ele pelo menos como desconhecido»⁶⁷.

Não deixa de ser interessante que, primitivamente, «Átrio dos Gentios» era o nome de um espaço do Templo de Jerusalém que não estava reservado exclusivamente a Judeus, mas antes aberto a todos, onde todos podiam aceder com liberdade. A estrutura impulsionada por Bento XVI é hoje um local e uma fonte de encontro e de diversidade e aqui vemos também um caminho, uma proposta, de nova evangelização: a organização de espaços onde aqueles para quem «Deus se tornou o grande Desconhecido»⁶⁸ possam encontrar rostos que apresentam a mensagem de Jesus Cristo, que dão a vida num encontro de respeito, de diálogo e de abertura à novidade de Deus.

Também o Sínodo «A nova evangelização para a transmissão da fé»⁶⁹ demonstra a preocupação deste papa pela transformação da fé-esperança no tempo moderno (cf. SS 16). Apelando a esta tarefa da nova evangelização apresenta, com confiança, três motivos pelos quais a Palavra Divina sempre há-de crescer e se há-de difundir (cf. Act 6, 7), com eficácia:

«O primeiro é que a força da Palavra não depende antes de tudo da nossa acção, dos nossos meios, do nosso «fazer», mas de Deus, que esconde o seu poder sob os sinais da debilidade, que se torna presente na brisa ligeira da manhã (cf. 1 Rs 19, 12), que se revela no madeiro da Cruz. (...) O segundo motivo é porque a semente da Palavra, como narra a parábola evangélica do Semeador, cai também hoje num terreno bom que a acolhe e produz fruto (cf. Mt 13, 3-9). E os novos evangelizadores fazem parte deste campo que permite que o Evangelho cresça em abundância e transforme a própria vida e a de outros. No mundo, apesar do mal

⁶⁷ *Ibidem*.

⁶⁸ BENTO PP. XVI, *Discurso ao Mundo da Cultura*, [<http://bit.ly/1G3e2Ja> (27/05/2015)].

⁶⁹ SÍNODO DOS BISPOS, XIII Assembleia Geral Ordinária, *A Nova Evangelização para a Transmissão da fé cristã*.

fazer mais barulho, continua a haver terreno bom. O terceiro motivo é que o anúncio do Evangelho chegou deveras aos confins do mundo e, até entre a indiferença, a incompreensão e a perseguição, muitos continuam também hoje, com coragem, a abrir o coração e a mente para aceitar o convite de Cristo a encontrá-lo e a tornar-se seus discípulos»⁷⁰.

Assim, podemos concluir que a nova evangelização, segundo Bento XVI, é uma tarefa criativa, de todos os tempos, em que a Igreja acompanha, com diálogo e liberdade, todos homens a trilharem um caminho no acolhimento de novos estilos de vida, na comunhão com Deus e com os irmãos, bem como o compromisso na «realização de um autêntico desenvolvimento humano integral inspirado nos valores da caridade na verdade» (CV 67).

1.3. Nova Evangelização segundo Francisco

O tema da evangelização, tal como nos pontificados anteriores é caro a Francisco. Ainda assim, da leitura da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (24 de novembro de 2013) retiramos que é intenção do papa Francisco dar um novo sentido ao conceito nova evangelização. Dizemos dar um novo sentido, sendo que o termo, em si, não é utilizado na Exortação uma única vez. À reforma que tem em mente, Francisco prefere chamar missão, «parece que sente que a evangelização acontece na missão (...) O termo "evangelização" poderia levar a um equívoco, fazendo pensar dizer respeito apenas a um sector particular da acção pastoral da Igreja, reduzido e limitado»⁷¹. cremos, concordando com Biemmi⁷², que não é por acaso que Francisco não utiliza o termo. Francisco quer ir mais além, para si, uma nova evangelização consiste em iniciar uma nova etapa: imbuídos na Exortação Apostólica *Alegria do Evangelho* (EG 1), percorrer caminhos de encontro com os irmãos que se distanciaram de Deus pondo em marcha «a

⁷⁰ BENTO PP. XVI, *Discurso no Congresso Internacional organizado pelo Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização* (15 de Outubro de 2011), [<http://bit.ly/1LuGNLf> (27/05/2015)].

⁷¹ Enzo BIEMMI, «Un'Église "en sortie". La conversion pastorale et catéchétique d'Evangelii gaudium», in *Lumen Vitae* 70 (2015), 30.

⁷² *Ibidem*, 30.

reforma da Igreja em saída missionária» (EG 17), e fortalecer a fé daqueles que vagueiam na ignorância religiosa.

Nesta referida exortação, «o seu documento programático, a sua identidade»⁷³, convida «todos a serem ousados e criativos» (EG 33). A atitude pouco convencional e a linguagem simples utilizada no dia da eleição tem também reflexo na própria Exortação Apostólica, onde Francisco faz uso de linguagem simples e clara, compreensível por todos.

Igreja em saída é um dos termos que este papa utiliza na *Evangelii Gaudium* e que configura em si mesmo uma novidade, e por isso diz: «Fiel ao modelo do Mestre, é vital que hoje a Igreja saia para anunciar o Evangelho a todos, em todos os lugares, em todas as ocasiões, sem demora, sem repugnâncias e sem medo» (EG 23). Quando nos convida a sair, Francisco não se reporta apenas a uma saída física ao encontro das periferias e dos mais pobres, mas também, e não menos importante, a uma saída espiritual, convida-nos a sair de nós mesmos: «o Evangelho convida, fundamentalmente, a responder a Deus que nos ama e salva, reconhecendo-o nos outros e saindo de nós mesmos para procurar o bem de todos» (EG 39).

Neste projecto da Igreja em saída, não deixa de ser interessante que o Papa se inclua no processo. Não nos diz: «saí», mas diz antes: «saíamos, saíamos» (EG 49).

Para o sucesso deste projecto da Igreja em saída, este papa utiliza um outro conceito novo: convida-nos a primeirar. Neste sentido, diz:

«A Igreja “em saída” é a comunidade de discípulos missionários que “primeireiam” (...) Primeireiam – desculpai o neologismo –, tomam a iniciativa! A comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no amor (cf. 1Jo 4, 10), e, por isso, ela sabe ir à frente, sabe tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às

⁷³ *Ibidem*, 29.

encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos (...) Ousemos um pouco mais no tomar a iniciativa» (EG 24).

Com este novo verbo primeirar o Papa quer dizer que todos somos chamados a tomar a iniciativa da missão, ninguém está excluído do dever de evangelizar e a ninguém é permitido excluir outros da graça desse anúncio.

Ainda nesta Exortação Apostólica, assim como em discursos e homílias, o papa deixa-nos entrever a atitude do bom evangelizador, como aquele (a) que está sempre disponível para os outros, pronto a ouvir todos, sem exclusões (cf. EG 14), contrariando o ainda persistente discurso separatista, «não, não podemos ir a casa deles, porque não são casados pela Igreja»⁷⁴, e neste sentido surge uma outra ideia muito explorada pelo papa: a ideia de uma Igreja não alfundegária, mas antes uma Igreja com as portas abertas a todos (cf. EG 47). Nesta matéria, o papa é veemente. Sobretudo no que toca ao sacramento do Batismo, que em si mesmo é a Porta:

«todos podem fazer parte da comunidade, e nem sequer as portas dos sacramentos se deveriam fechar por uma razão qualquer. Isto vale sobretudo quando se trata daquele sacramento que é a “porta”: o Batismo» (EG 47).

Igualmente, Francisco, mostra-se receptivo ao desenvolvimento da chamada teologia do povo, «povo de Deus que se encarna nos povos da Terra, cada um dos quais tem a sua própria cultura» (EG 115), e por isso tão recorrentemente surge no seu magistério. Considerado como «filho da teologia do povo, difundida pelo Padre Lucio Gera»⁷⁵ na Argentina, este pontífice mostra uma notável vinculação entre a sua ação pastoral, enquanto Cardeal Bergoglio, com o actual amor preferencial pelos pobres e por esta teologia⁷⁶. Teologia que surgiu no seio da Comissão Episcopal de Pastoral (COEPAL), criada pelo Episcopado argentino, em 1966, com o objetivo de colocar em prática as coordenadas do Concílio Vaticano II, e que era formada por bispos, teólogos,

⁷⁴ Cf. FRANCISCO PP., *Meditação matutina da Missa celebrada na capela Domus Sanctae Marthae* (8 de Maio de 2013) in *L'Observatore Romano*, ed. em português, n. 19 de 12 de Maio de 2013.

⁷⁵ Cf. Juan C. SCANNONE, «El papa Francisco y la teología del Pueblo» in *Razón y Fe*, 1385 (2014), 31.

⁷⁶ Cf. Juan C. SCANNONE, «El papa Francisco y la teología del Pueblo» in *Razón y Fe*, 1385 (2014), 31.

pastoralistas, religiosos e religiosas, entre os quão se destacam os padres Lucio Gera e Rafael Tello⁷⁷. Sumariamente, para os membros da COEPAL emerge necessário reflectir quer o papel do laicado dentro da Igreja, quer a necessidade de «inserção da Igreja no percurso histórico dos povos, enquanto sujeitos de história e cultura, receptores mas também agentes de evangelização, graças à sua fé inculturada»⁷⁸.

O apreço teológico deste pontífice pelo «povo fiel de Deus» implica o reconhecimento quer do «sensus fidei» do povo, quer do papel imprescindível dos fiéis leigos na missão da Igreja. Tendo em conta que «a imensa maioria do Povo de Deus é constituída por leigos» (EG 102) deve perscrutar-se esta maioria para que todo o Povo no seu conjunto – universalidade da missão – anuncie o Evangelho (EG 101), visto que Deus convocou-nos «como povo, e não como seres isolados» (EG 113). Assim, quando o papa Francisco fala do Povo de Deus, refere-se ao seu «rostro pluriforme» (EG 116) e à sua «multiforme harmonia» (EG 117) graças à diversidade de culturas existentes na terra que o enriquecem.

O papa convida, assim, a reflectir acerca da infalibilidade do povo fiel «in credendo», pois, «quando quiseres saber no que acredita a Igreja, informa-te com o magistério (...) mas, quando quiseres saber como acredita a Igreja, aproxima-te ao povo fiel»⁷⁹, que na sua peregrinação para santuários e participando em outras manifestações de piedade popular, «levando também os filhos ou convidando a outras pessoas, é em si mesmo um gesto evangelizador» (EG 124) demonstra como acredita, pois também «o próprio rebanho possui o olfato para encontrar novos caminhos» (EG 31) de evangelização. Assim, respeitar a necessidade que todos os povos têm de recomeçar das próprias raízes e

⁷⁷ Cf. *Ibidem*, 32.

⁷⁸ *Ibidem*, 33-34.

⁷⁹ J. M. BERGOGLIO, *Meditaciones para religiosos*, 46 ss.

salvaguardar os valores das respectivas culturas⁸⁰, exigindo a capacidade da inculturação do evangelho, e este respeito pelas raízes e culturas vai de encontro, de algum modo, ao projecto de evangelização.

Uma característica deste papa é também a revalorização teológica e pastoral da piedade popular (cf. EG 123-124) no caminho da evangelização⁸¹, e «por ser fruto do Evangelho inculturado, está subjacente uma força ativamente evangelizadora que não podemos subestimar: seria ignorar a obra do Espírito Santo» (EG 126). A «mística popular», de vivência individual e sentimental da fé, que «acolhe, a seu modo, o Evangelho inteiro e encarna-o em expressões de oração, de fraternidade, de justiça, de luta e de festa» (EG 237; cf. EG 124), é uma religiosidade que precisa de uma «purificação e amadurecimento» (EG 69). Criticando a tentação do clericalismo, apresenta a piedade popular como uma manifestação dos fiéis enquanto um povo, no seu carácter comunitário e adulto na fé, que deve ser purificada com grupos bíblicos e por comunidades eclesiais de base⁸². Apresenta a piedade popular com relevância não apenas pastoral, mas teológica, dizendo que:

«As expressões da piedade popular têm muito para nos ensinar e, para quem as sabe ler, são lugar teológico a que devemos prestar atenção particularmente na hora de pensar a nova evangelização» (EG 126).

A missão evangelizadora terá frutos de verdadeira interiorização do projeto salvífico de Deus quando todos os baptizados, em comunhão com o Magistério da Igreja, que caminha à sua frente indicando a estrada e sustentando a esperança (cf. EG 31), se sentirem responsáveis pelo anúncio do Evangelho, pois:

«Deus dota a totalidade dos fiéis com um instinto da fé – o *sensus fidei* – que os ajuda a discernir o que realmente vem de Deus. A presença do Espírito

⁸⁰ Cf. FRANCISCO PP., *Mensagem para o Dia Mundial das Missões* (24 de maio de 2015) [<http://bit.ly/1jg6hpD> (10/06/2015)].

⁸¹ Cf. J. Carlos SCANNONE, «El papa Francisco y la teología del Pueblo» in *Razón y Fe*, 1385 (2014), 45.

⁸² Cf. FRANCISCO PP., «Alocação no encontro com a CELAM» (28 de Julho de 2013) in Mons. V. M FERNANDEZ, *De la misión Continental a la misión Universal*, 287.

confere aos cristãos uma certa conaturalidade com as realidades divinas e uma sabedoria que lhes permite captá-las intuitivamente, embora não possuam os meios adequados para expressá-las com precisão» (EG 119).

Quer isto dizer que, para o papa todos somos chamados ao projecto da missão, na medida em que:

«cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho» (EG 20).

Por sua vez, a Igreja, como instituição, há-de reconsiderar e manter-se muitas vezes «simplesmente no meio de todos com a sua proximidade simples e misericordiosa» (EG 31) e, em muitos casos, deverá caminhar atrás do povo deixando-se guiar. Todos são convidados a manter a fé viva, quer na família, quer no trabalho, quer nas paróquias, para que as igrejas não se tornem «gradualmente museus»⁸³.

Analisando quer a Carta Encíclica *Lumen Fidei*, quer a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, sobressai uma expressão que se torna uma coordenada para a nova evangelização: «a cultura do encontro» (EG 220). Uma cultura que abre a possibilidade da resolução dos conflitos, vivendo-os de tal modo que leve à unidade, (cf. LF 55), uma cultura que, unida à fé e à caridade, apresenta a esperança projetando a vida eterna para fora deste espaço, dando já neste tempo um «novo impulso e nova força à vida de todos os dias» (LF 57).

Finalmente, mas não menos importante, o papa aponta uma opção preferencial pelos pobres, marginalizados, excluídos, desempregados, doentes. Preferência que, de resto, é clara nas suas primeiras visitas fora de Roma, a Lampedusa e Cerdenha, onde se encontrou com os emigrantes refugiados e com os desempregados. Mostrando-nos assim que a solidariedade é uma reacção espontânea para quem reconhece a função social da

⁸³ FRANCISCO PP., *Discurso aos bispos da Conferência Episcopal da Suíça em visita “ad limina apostolorum”* (1 de Dezembro de 2014), [<http://bit.ly/1N4iSWs> (09/10/2015)].

propriedade e o destino universal dos bens como realidades anteriores à propriedade privada, e deixando claro que neste desafio evangelizador é preciso clarificar que «para a Igreja a opção pelos pobres é uma mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica» (EG 198). Daí expressar:

«Desejo uma Igreja pobre para os pobres. Eles têm muito para nos ensinar. Além de participar do *sensus fidei*, nas suas próprias dores conhecem Cristo sofredor. É necessário que todos nos deixemos evangelizar por Eles. A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas e a coloca-los no centro do caminho da Igreja» (EG 198).

Estas coordenadas que o papa Francisco nos apresenta configuram um harmónico «sistema de atitudes» (EG 122) que convidam e contagiam com a Alegria do Evangelho. Só na séria alegria que nasce do encontro com o Ressuscitado, da relação com os demais e da aceitação de si mesmo, compreendido e amado, é que brota a compreensão de que Deus convida a que cada família, cada cristão e cada uma das comunidades discirna qual o caminho que o Senhor lhe pede para levar o Evangelho a todas as periferias que precisam de luz (cf. EG 20) para que, como o mesmo pontífice nos apresenta, não

«haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, sem a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo; sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida» (EG 49).

Contudo, importa apontar que se em relação a João Paulo II e Bento XVI pudemos como que percorrer o seu pensamento sobre a nova evangelização durante o seu pontificado, no que respeita ao papa Francisco, cujo pontificado ainda decorre, apontamos apenas e tão só as linhas orientadoras de um pontificado traçadas numa Exortação e que ainda agora dão os primeiros passos.

2. Contextualização

Exposto, no primeiro capítulo, o pensamento dos pontífices João Paulo II e Bento XVI sobre a temática da nova evangelização e o contributo que papa Francisco está ainda a dar no decorrer do seu pontificado no que toca ao projecto da missão do anúncio do Evangelho a todos os povos (cf. Mc 16, 15), e que muito orienta na missão actual e futura da Igreja Universal, queremos neste capítulo apresentar, ainda que em traços gerais, a realidade concreta, o contorno e o entorno, da Igreja Particular de Bragança-Miranda, a nível histórico, geográfico e demográfico, visto que esta dissertação pretende apontar caminhos para uma nova evangelização nesta diocese.

Porque para o projecto são necessárias pessoas e comunidades concretas, entendemos que neste segundo capítulo é importante apresentar, ainda que também de modo sintético, não exaustivo, a realidade eclesial da diocese Bragança-Miranda.

2.1. Território histórico e geográfico

Miguel Torga dá-nos o mote para a apresentação do território ora analisado e fá-lo apresentando magistralmente também as suas gentes:

«Homens de uma só peça, inteiriços, altos e espadaúdos, que olham de frente e têm no rosto as mesmas rugas do chão. Castiços nos usos e nos costumes (...) Fiéis à palavra, amigos do amigo, valentes e leais. Ufanos da alma que herdaram, querem-na sempre lavada, nem que seja com sangue. A lendária

franqueza que vem nos livros, é deles, realmente. Bate-se a uma porta, rica ou pobre, e sempre a voz confiada nos responde: - Entre quem é!»⁸⁴.

Esta Igreja Particular de Bragança-Miranda, no *tecto de Portugal*, afetada pelas transformações socioculturais e religiosas ocorridas nas últimas décadas clama hoje por uma nova evangelização.

Inscrita numa já longa história do cristianismo em Portugal, aquando da necessidade de uma nova reorganização do território para uma melhor ação pastoral, eis que é fundada a diocese de Miranda, no século XVI, mudando geograficamente ao longo dos tempos, como poderemos perceber.

Assim, em 22 de Maio de 1545, pela Bula *Pro excellenti Apostolicae Sedis*, o Papa Paulo III, a pedido do rei D. João III, erigiu a diocese de Miranda do Douro⁸⁵, constituída «pelas povoações de Miranda e Bragança e as povoações de Vinhais, Outeiro, Monforte de Rio Livre, Vimioso, Chaves e Montalegre com seus termos e territórios»⁸⁶. No entanto, surge a 28 de Agosto do mesmo ano um Alvará de D. João III que retira Chaves e Montalegre e menciona como parte integrante da nova diocese «os concelhos de Algosó, Penas-Roias, Chacim, Ervedosa, Nuselos, Sezulfé, Val d 'Asnes, Cortiços, Torre D. Chama, Bemposta, Azinhoso e Mirandela»⁸⁷, ficando aqueles dois para a arquidiocese de Braga. Temos assim, como prova o relatório de D. Manuel de Moura Manuel (18º Bispo de Miranda), uma diocese com «324 igrejas paroquiais com 60 mil fregueses, poucos mais ou menos»⁸⁸, em 1691, distribuídas por uma área de 22 léguas de comprimento por 12 de largura. Para efeitos administrativos a diocese foi dividida em 5

⁸⁴ M. TORGA, *Portugal*, 3ª. Ed. Revista, Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1967, 36-37.

⁸⁵ Cf. J. de CASTRO, *Bragança-Miranda*, vol. I, 1.

⁸⁶ *Ibidem*, 8.

⁸⁷ *Ibidem*, 8.

⁸⁸ *Ibidem*, 11.

províncias ou jurisdições, «com um juiz a quem chamam de arcipreste»⁸⁹ – os territórios de Miranda, Bragança, Lampaças, Mirandela e Monforte.

Com o passar dos tempos, aquilo que de raiz se previra, veio a acontecer. Sendo Miranda uma cidade remota e com pouca população, e ainda perante a catástrofe de 8 de Maio de 1762, aquando do rebentamento de um paiol, deixando aberta uma entrada para os 30 mil espanhóis que a rodeavam.

Em face do exposto, a diocese foi desmembrada em duas – Miranda do Douro e Bragança, a 10 de Julho de 1770 pelo Breve *Pastoris aeterni*⁹⁰ do Papa Clemente XIV, a pedido de Dom José I.

Temos no mesmo território, como foi dito, em 1770, duas dioceses: a diocese de Miranda e a diocese de Bragança, com Dom Manuel de Vasconcelos Pereira (1770 – 1773) e Dom Miguel Barreto Menezes (1770 – 1772), respectivamente. Assim se manteve esta divisão durante 10 anos. A 27 de Setembro de 1780, a Bula *Romanus Pontifex*, do Papa Pio VI, funde as duas dioceses de Miranda e Bragança em uma só, com o nome de Bragança e Miranda⁹¹, com sede em Bragança.

Até 1881 o território que pertencia ao Vicariato de Moncorvo (Moncorvo, Freixo de Espada à Cinta, Alfandega da Fé, Carrazeda de Ansiães e Vila Flor), dirigido por um Vigário Geral, encontra-se ainda sob a alçada da arquidiocese de Braga. Contudo, nesse ano de 1881, pela Bula *Gravissimum Christi* (30 de Setembro de 1881), do Papa Leão XIII, tal território foi integrado nesta diocese Bragança e Miranda⁹².

Delineou finalmente a área diocesana a Bula *Apostólica Praedecessorum Nostrorum*, (20 de Abril de 1922)⁹³ de Pio XI ao erigir a Diocese de Vila Real, com o território adjacente das dioceses de Braga, Bragança e Miranda, e Lamego, num total de 257

⁸⁹ *Ibidem*, 11 ss.

⁹⁰ Cf. J. de CASTRO, *Bragança-Miranda*, vol. III, 42.

⁹¹ Cf. *Ibidem*, 135.

⁹² *Ibidem*, 398-401.

⁹³ Cf. J. de CASTRO, *Bragança-Miranda*, vol. IV, 218.

paróquias, das quais 19 eram da diocese de Bragança e Miranda⁹⁴, pertencentes ao arciprestado de Monforte de Rio Livre (onze paróquias de concelho de Chaves e oito do concelho de Valpaços).



Mapa da Diocese (País⁹⁵, Diocese⁹⁶)

Tal reajustamento permanece até hoje, sendo que o território coincide integralmente com o território do distrito de Bragança.

Geograficamente é este o campo de Deus a cultivar com as sementes da nova evangelização.

⁹⁴ Cf. Actas, Congresso Histórico 450 anos da Fundação, *Páginas da História da Diocese de Bragança-Miranda*, 42.

⁹⁵ MAPAS DE PORTUGAL, [<http://bit.ly/1WQaUVB> (08/10/2015)].

⁹⁶ MAPAS DO PAÍS, [<http://bit.ly/1P1y0ar> (08/10/2015)].

2.2. Caracterização demográfica

De acordo com os dados resultantes dos Censos de 2011⁹⁷, o distrito de Bragança, que como se disse corresponde ao território da Diocese Bragança-Miranda, regista um total de 133 417 habitantes, dispersos por uma área bastante extensa de 6.545 km², destacando-se, pela sua dimensão e população, os concelhos de Bragança (35623 habitantes), Mirandela (23275 habitantes) e Macedo de Cavaleiros (15166 habitantes) rasgados pela A4 (Auto-Estrada de Trás os Montes e Alto Douro). Cada um dos restantes nove concelhos não chega aos 10 000 habitantes, daí podermos afirmar que a Auto-Estrada é aqui sem dúvida a causa que leva a que estes três concelhos concentrem maior população, tal como podemos concluir através do **Quadro 1**.

Local de residência	População presente (nº) por Local de residência e Sexo		
	Período de referência dos dados		
	2011		
	Sexo		
	HM	H	M
	nº	nº	nº
Alfândega da Fé	4 909	2 376	2 533
Bragança	35 623	16 917	18 706
Carraceda de Ansiães	6 055	2 900	3 155
Freixo de Espada à Cinta	3 735	1 799	1 936
Macedo de Cavaleiros	15 166	7 152	8 014
Miranda do Douro	7 211	3 518	3 693
Mirandela	23 275	11 063	12 212
Mogadouro	9 205	4 544	4 661
Torre de Moncorvo	8 404	4 021	4 383
Vila Flor	6 485	3 115	3 370
Vimioso	4 523	2 215	2 308
Vinhais	8 826	4 384	4 442

Quadro 1 - Fonte: INE, População presente no Distrito de Bragança /Diocese Bragança-Miranda 2011⁹⁸

⁹⁷ Cf. INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICAS, [<http://bit.ly/1WpXK47> (25/11/2016)]

⁹⁸ Cf. INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICAS, [<http://bit.ly/1LpCDUI> (08/10/2015)].

Numa área territorial tão extensa, habitada apenas por 133 417 pessoas, resulta clara a tendência da desertificação da diocese. A confirmar este fato basta uma comparação, por exemplo, com as outras dioceses que integram a Província Eclesiástica de Braga onde a diocese Bragança-Miranda se insere (**Quadro 2**).

Dioceses	Período de referência dos dados	
	2011	
	Território (Km2)	População
Aveiro	1538	311 000
Braga	2 857	937 000
Bragança-Miranda	6 545	133 417
Coimbra	5 300	549 000
Lamego	2 850	144 150
Porto	3 010	2 064 813
Viana do Castelo	2 108	246 774
Vila Real	4 273	206 671
Viseu	3 400	260 356
Quadro 2 - Fonte: Anuário Católico, Território e população das dioceses da Província Eclesiástica de Braga, 2011 ⁹⁹		

A acrescentar a estes números preocupantes, também o índice de dependência de idosos¹⁰⁰ (confirmar **Quadro 3**), a taxa de natalidade (confirmar **Quadro 4**) e a taxa de mortalidade (confirmar **Quadro 5**) são preocupantes, evidenciando a evolução demográfica da diocese pelo envelhecimento preocupante da população.

⁹⁹ Cf. Dados retirados do ANUÁRIO CATÓLICO, [<http://bit.ly/2g2LDtV> (03/12/2016)].

¹⁰⁰ Relação entre a população idosa e a população em idade ainda ativa, que se define habitualmente como o quociente entre o número de pessoas de 65 ou mais anos e o número de pessoas com idades compreendidas entre os 15 e os 65 anos.

Local de residência	Índice de dependência de idosos (%) por Local de residência
	Período de referência dos dados (2011)
	%
Alfândega da Fé	52,5
Bragança	35,7
Carrazeda de Ansiães	59,5
Freixo de Espada à Cinta	53,4
Macedo de Cavaleiros	49,2
Miranda do Douro	54,8
Mirandela	41,6
Mogadouro	58,4
Torre de Moncorvo	61,4
Vila Flor	47,8
Vimioso	67,8
Vinhais	76

Quadro 3 - Fonte: INE, Índice de dependência de idosos, 2011¹⁰¹

Local de residência	Taxa bruta de natalidade (%) por Local de residência		
	Período de referência dos dados; percentagem de variação		
	2011	2014	Variação
	%		
Alfândega da Fé	5,1	5,8	(+) 0,7
Bragança	7,4	6,4	(-) 1
Carrazeda de Ansiães	5,7	5,5	(-) 0,2
Freixo de Espada à Cinta	4,8	5	(+) 0,2
Macedo de Cavaleiros	4,6	5,7	(+) 1,1
Miranda do Douro	4,4	4,4	0
Mirandela	7,1	7,2	(+) 0,1
Mogadouro	5,6	4,8	(-) 0,8
Torre de Moncorvo	5,1	5	(-) 0,1
Vila Flor	5,4	3,9	(-) 1,5
Vimioso	6,9	5,2	(-) 1,7
Vinhais	3,4	4,4	(+) 1

Quadro 4 – Fonte: INE, Taxa bruta de natalidade, 2011 e 2014, com a respetiva percentagem de variação¹⁰²

¹⁰¹ Cf. INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, [<http://bit.ly/1VHVK26> (09/10/2015)].

¹⁰² Cf. INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, [<http://bit.ly/1jeN0UX> (09/10/2015)].

Local de residência	Taxa bruta de mortalidade (%) por Local de residência		
	Período de referência dos dados; percentagem de variação		
	2011	2014	Variação
	%		
Alfândega da Fé	16,6	17,9	(+) 1,3
Bragança	10,7	12,9	(+) 2,2
Carrazeda de Ansiães	16,1	15,1	(-) 1
Freixo de Espada à Cinta	22,3	20,3	(-) 2
Macedo de Cavaleiros	13,4	12,2	(-) 1,2
Miranda do Douro	15,5	15,7	(+) 0,2
Mirandela	11,1	12,2	(+) 1,1
Mogadouro	14,6	15,1	(+) 0,5
Torre de Moncorvo	17,2	16,2	(+) 1
Vila Flor	14,2	14,4	(+) 0,2
Vimioso	22,6	17,9	(-) 4,7
Vinhais	15,3	16,9	(+) 1,6
Quadro 5 – Fonte: INE, Taxa bruta de mortalidade, 2011 e 2014, com a respetiva percentagem de variação ¹⁰³			

Ao apresentar demograficamente esta diocese importa citar M^a do Nascimento Mateus¹⁰⁴ que, neste campo da demografia regional, apresenta:

«Bragança, inserida no Nordeste Transmontano, faz parte de uma região onde a população escasseia, está profundamente envelhecida, onde as fracas acessibilidades condicionam a implantação de sectores que promovam o desenvolvimento local/regional e a transformam, cada vez mais, numa zona periférica e pouco atractiva»¹⁰⁵.

E do mesmo modo, em jeito de conclusão, sente-se também nesta diocese o que expõe João Ferrão¹⁰⁶,

«a sangria populacional sistemática devida às migrações internas ou para o estrangeiro afetou uma grande parte dos concelhos do interior, que se transformaram em áreas de repulsão e que apresentam quebras acentuadas das

¹⁰³ Cf. INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, [<http://bit.ly/1LkVuVo> (09/10/2015)].

¹⁰⁴ Professora Adjunta na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança, com doutoramento em Ciências Sociais.

¹⁰⁵ M^a do Nascimento MATEUS, «In(ex)clusão dos imigrantes em Bragança» in *Educação Social: Imigrantes e Comunidades Locais*, 7.

¹⁰⁶ Investigador Coordenador do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e coordenador do Grupo de Investigação “Ambiente, Território e Sociedade”, com doutoramento em Geografia Humana.

taxas de mortalidade e de natalidade, pois os que saem são sobretudo os mais jovens, em plena força de trabalho. São regiões praticamente desertas e profundamente envelhecidas»¹⁰⁷.

Pelo exposto, fica claro que o campo de estudo, e de proposta, para o desafio de anunciar o Evangelho com novo ardor e com novas expressões, se encontra populacionalmente em clima de desertificação e de envelhecimento, o que acarreta para esta igreja particular um «começo do recomeço na conversão pessoal, pastoral e missionária»¹⁰⁸.

2.3. Análise contextual

Se o cenário geográfico e demográfico não nos surge animador, na caracterização desta igreja particular havemos também de referir a beleza da criação de Deus que podemos contemplar em toda esta diocese.

Nesta diocese, inserida numa paisagem avassaladora de contrastes naturais, apresentando características de relevo montanhoso, quebrado por pequenos rincões aplanados, vive-se tendencialmente da agricultura e da plantação de árvores frutíferas, que traçam em si mesmo fortes características que se fazem sentir na vida religiosa e que pautam o quotidiano das gentes: em Alfandega da Fé, Moncorvo e Vila Flor predomina a amendoeira e que em seu tempo (Fevereiro-Março) atrai milhares de turistas; em Bragança e Vinhais impera o castanheiro, considerada como a *árvore-do-pão*; em Macedo de Cavaleiros e Mirandela sobressai o cultivo da oliveira, que em tempo de recolha (Novembro-Dezembro-Janeiro) faz sentir o decréscimo acentuado da participação dos fiéis leigos nas celebrações litúrgicas; em Miranda do Douro, Mogadouro e Vimioso estende-se um planalto, denominado de Planalto Mirandês, onde predomina o cultivo de

¹⁰⁷ João FERRÃO, «Dinâmicas Demográficas: uma visão panorâmica» in *Geografia de Portugal – Sociedade, Paisagens e Cidades*, 50.

¹⁰⁸ DIOCESE BRAGANÇA-MIRANDA, *Entrevista de D. José Cordeiro ao “Mensageiro de Bragança*, [http://bit.ly/2gWrJ2R (05/12/2016)].

cereais e animais de pasto; em Carrazeda de Ansiães e Freixo de Espada à Cinta, situados nas margens do Rio Douro, cultivava-se a vinha. É nesta diversidade de paisagens que se enquadra a famosa frase de José Gama, «nascemos com as fragas. Vivemos com elas ... e sentimo-nos orgulhosos, por isso, destes montes valentes e sérios que nos moldaram o carácter»¹⁰⁹.

A diversidade é tal que no território existe até a segunda língua oficial de Portugal – o mirandês – originária do já referido do Planalto Mirandês. Dúvidas não há quanto à riqueza cultural desta língua, ainda hoje falada e ensinada nas escolas da região, sob pena de se vir a perder no tempo. Contudo, parece-nos que a sobrevivência da língua até aos dias de hoje tem por base o já referido isolamento geográfico desta região, pois as pessoas são ainda mais conservadoras, vivem a fé nas suas tradições bem preservadas e inalteráveis. Só assim se explica que tal língua continue a ser transmitida de geração em geração. Mas a persistência nas tradições de sempre e para sempre acarreta dificuldades à nova evangelização, pois «toda la vida asi fui»¹¹⁰, «pues se isso yê tan buôno, bin tarde al biran»¹¹¹.

A mesa sempre posta com a riqueza da gastronomia típica, à base de carnes provenientes do gado bovino, caprino, suíno e ovino, convida à comunhão dos irmãos e faz as visitas locais a quem visita esta diocese.

Envolvida por dois parques naturais, Parque Natural do Douro Internacional e Parque Natural de Montesinho, e uma albufeira, Albufeira do Azibo, esta diocese preserva um modo de vida rural, com aldeias castiças «onde os laços sociais são ainda regulados segundo alguns traços do modelo comunitário, o ritmo comunitário é ainda um

¹⁰⁹ J. GAMA, *Mirandela, Cidade Jardim*, Edições da Câmara Municipal de Mirandela, 1997, 1.

¹¹⁰ Tradução em português: “*Toda a vida foi assim*”.

¹¹¹ Tradução em português: “*Pois se isso é tão bom, bem tarde demoram a vê-lo*”.

extraordinário excitante da identidade, da memória e da pertença colectiva»¹¹², em que as populações partilham saberes, tarefas e equipamentos, e com um clima, ora agreste no inverno, ora abafador no verão, que desperta tanto o encanto do tradicional convívio à lareira, como anima uma festa de rua¹¹³.

Além das festas populares em praticamente todas as aldeias, especialmente em tempo de Verão, destacam-se as romarias dos grandes santuários (Sr^a da Assunção; Sr^a do Caminho; Sr^a do Naso; Sr^a da Ribeira; Sr^a da Serra; Sto. Ambrósio, Sto. Bartolomeu), bem como as chamadas festas de inverno – Festa das Máscaras e dos Caretos; Festa dos Rapazes com rituais de passagem. Festas que cruzam o sagrado com o profano.

Tendo em conta que «a imigração provocou o abandono de muitas atividades tradicionais»¹¹⁴, é no aproveitamento da riqueza natural e gastronomia, acentuando o turismo rural, de carácter cinegético, ambiental e paisagístico, que muitas entidades, quer privadas, quer públicas, fazem os seus investimentos.

É na piedade popular que a vivência cristã desta porção do Povo de Deus se enraíza, é ela própria «uma certa sede de Deus» (EG 123) e «descobrem-se no povo expressões particulares da busca de Deus e da fé» (EN 48) mas que não chegam a uma verdadeira adesão de fé. Vejamos as típicas expressões: «Deus nos livre e guarde», «é a vontade de Deus», «só Deus sabe o que por lá vai», «foi o destino que Deus traçou». São expressões que parecem demonstrar que, de forma geral, se vive uma religiosidade em que tudo depende de Deus e nada de nós, Deus é a resposta a todas as incógnitas e necessidades do homem. A vivência religiosa passa em grande parte por uma necessidade de expressar a

¹¹² A. TEIXEIRA, «Matrizes das crenças em Portugal» in *Portugal: Percursos de Interculturalidade. Vol. III – Matrizes e Configurações* - Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (ACIME) [<http://bit.ly/2gRUbT7> (07/12/2016)], 362.

¹¹³ Cf. M^a do Nascimento MATEUS, “In(ex)clusão dos imigrantes em Bragança” in *Educação Social: Imigrantes e Comunidades Locais*, 15.

¹¹⁴ Ana M. C. LOPES, «Diferenças regionais e os seus reflexos na literatura» in *Portugal: Percursos de Interculturalidade. Vol. III – Matrizes e Configurações* - Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (ACIME) [<http://bit.ly/2g9wWW6> (06/12/2016)], 169.

fé em manifestações públicas, de um modo simples, emocionais, mas colectivas. As procissões, festas e romarias são talvez a forma mais evidente desta piedade popular.

Respeitam-se os sagrados lugares onde os antepassados sentiram a presença de Deus e por isso tornaram sagrados os territórios da morte, inventaram lugares e formas de honrar e estar mais perto desse Deus e dos seus Santos; construíram magníficas igrejas e capelas, cruzeiros e nichos das alminhas, assim como Passos da Via Sacra; formularam orações e preces públicas, inventaram procissões e cânticos, sendo esta realidade transversal a toda a diocese, não encontramos aldeia alguma em que não exista Igreja, Capela, Nicho, Cemitério e em quase todas cruzeiros.

Se a piedade popular, nas comunidades rurais, é uma constante na vida dos diocesanos, se o ritmo dos dias é ainda marcado pelo bater das Trindades, a verdade é que nas zonas urbanas a realidade já é hoje um pouco diferente. Nas cidades existe uma «multiculturalidade ambiental»¹¹⁵ que lhes é própria pela sua orgânica e que pelo mesmo motivo apresenta muitos e variados desafios, tendo em conta a heterogeneidade existente. Embora a massa da população seja mais elevada do que no meio rural, não deixa de ser preocupante o número reduzido de leigos empenhados na missão evangelizadora da Igreja. Nas zonas rurais a falta de leigos, com formação mínima, capazes de cooperar na pastoral paroquial é também preocupante. A falta de leitores, acólitos, movimentos apostólicos, catequese que não existem pura e simplesmente na grande maioria das paróquias rurais convida a olhar a situação paroquial com emergência. O padre lê, canta, celebra, administra, gere os bens, contando somente com a colaboração de um sacristão e uma catequista, por norma idosa, a quem não falta boa vontade, mas cuja formação não sobeja.

¹¹⁵ Lluís M. SISTACH (org.), *A Pastoral das grandes cidades*, 283.

2.4. Descrição da Diocese

O povo de Deus que peregrina neste território diocesano está reorganizado em quatro arciprestados¹¹⁶: o Arciprestado de Bragança, formado por sete Unidades Pastorais; o Arciprestado de Miranda, formado por quatro Unidades Pastorais; o Arciprestado de Mirandela, formado por seis Unidades Pastorais; e o Arciprestado de Moncorvo, formado por cinco Unidades Pastorais.

As Unidades Pastorais, «nova célula pastoral territorial»¹¹⁷, refletidas já em 1967, «dê-se prioridade a uma nova reestruturação das paróquias»¹¹⁸, são o «conjunto de paróquias vizinhas reunidas para formar o quadro mais apropriado para a realização do trabalho pastoral»¹¹⁹ de nova evangelização que urge nesta igreja particular com o fim de levar a cabo o convite do Concílio Vaticano II: «fomentar a vida cristã entre os fiéis, adaptar melhor às necessidades do nosso tempo as instituições suscetíveis de mudança, promover tudo o que pode ajudar à união de todos os crentes em Cristo» (SC 1). Estes agrupamentos foram constituídos

«em ordem a uma autêntica pastoral de conjunto, sobretudo no anúncio do Evangelho, na celebração da liturgia e na diaconia da caridade, procurando uma mais profunda complementaridade entre os Presbíteros, os Diáconos, os Leitores, os Acólitos, os Ministros extraordinários da comunhão e outros Leigos com responsabilidades próprias na pastoral da comunidade cristã»¹²⁰.

¹¹⁶ Cf. José M. G. CORDEIRO, *Estatutos, Normas e Diretivas – Diocese de Bragança-Miranda*, 185-186.

¹¹⁷ *Ibidem*, 183.

¹¹⁸ MENSAGEIRO DE BRAGANÇA, Ano XXVIII, nº 1162, 14 de abril de 1967, Art. «Primeiro Curso de actualização pastoral do Clero de Bragança», 3.

¹¹⁹ José M. G. CORDEIRO, *Estatutos, Normas e Diretivas – Diocese de Bragança-Miranda*, 182.

¹²⁰ *Ibidem*, 183.

Não fosse a dispersão das 326 paróquias com as suas 303 comunidades, um total de 629, e este número de sacerdotes seria o suficiente, mas a dispersão das paróquias associada à idade avançada de uma boa parte do clero da diocese, e ao declínio da prática dominical que se verifica (**Quadro 6**), torna o serviço paroquial desgastante e desmotivador para os párocos e continua insuficiente para as comunidades – um convite a uma pastoral de manutenção.

Concelhos	População Recenseada, População Praticante, Percentagem									
	1977			1991			2001			Varição
	P.R.	P.P.	%	P.R.	P.P.	%	P.R.	P.P.	%	1991/2001
Alfândega da Fé	6950	3150	45	5556	2153	39	5924	1894	35	-4%
Bragança	30288	11780	39	29373	9287	32	34689	6641	19	-12%
Carrazeda de Ansiães	9921	3460	35	7821	1091	14	7635	1881	22	8%
Freixo de Espada à Cinta	5351	780	15	4361	1392	32	4197	624	15	-17%
Macedo de Cavaleiros	18760	9220	49	15868	6449	41	17432	3973	23	-18%
Miranda do Douro	9225	4480	49	7660	4236	55	8085	2202	27	-28%
Mirandela	24327	10000	41	21873	7679	35	25809	4214	16	-19%
Mogadouro	13515	5500	41	10991	4708	43	11282	3016	27	-16%
Torre de Moncorvo	12397	3600	29	9836	3473	35	9920	2259	23	-13%
Vila Flor	8292	3800	46	7374	2313	31	7904	2464	21	0%
Vimioso	7868	4200	53	5171	2048	40	5330	1811	34	-6%
Vinhais	14729	6000	41	10923	3678	34	10632	3485	33	-1%
Somatório	161623	65970	41	136827	43505	35	148839	34432	23	-12%

Quadro 5 - Estudo comparativo da prática dominical na Diocese de Bragança-Miranda, 1977-2001¹²³.

Hoje, reclamando que «*o padre venha*», continua a manter-se um tipo de pastoral ao domicílio o que implica que o pároco ao menos nos fins-de-semana se desloque dezenas de quilómetros entre os vários lugares que lhe estão confiados, e seja até tentado a celebrar mais Eucaristias do que as que a lei canónica lhe permite, pois o Povo assim o reclama.

¹²³ Em 2011 não foi feito, a nível diocesano, qualquer estudo deste género. Foi feito, a nível nacional, pela Universidade Católica, um trabalho sobre «Identidades religiosas em Portugal: representações, valores e práticas».

Não obstante, e apesar das dificuldades, doze religiosos, cento e vinte religiosas, cinco consagradas em Institutos seculares femininos e uma virgem consagrada, (distribuídos pelas nove congregações/associações¹²⁴) auxiliam de forma generosa o Bispo e os párocos apoiando sobretudo, na oração, nas celebrações da Palavra e no âmbito da catequese.

Os Seminários desta diocese, ambos sob a protecção de S. José, contavam também a oito de dezembro de dois mil e dezasseis com nove seminaristas: quatro no Seminário Menor de São José sediado em Bragança; cinco Seminário Inter-diocesano de S. José sediado em Braga.

No que cabe à formação permanente, de modo que os fiéis leigos adquiram o conhecimento e as disposições necessárias para amadurecer a sua vida espiritual e desenvolver as suas tarefas apostólicas¹²⁵, a diocese conta, desde dois mil e treze, com um Instituto Diocesano de Estudos Pastorais¹²⁶ considerado como uma

«escola teológica, pertencente à Diocese de Bragança-Miranda, que desenvolve atividades formativas em diversos âmbitos: formação permanente dos Presbíteros e dos Diáconos; formação de agentes pastorais; formação laical; formação académica dos candidatos ao Diaconado Permanente; formação pastoral (curricular) dos Seminaristas Maiores (6ºano); reflexão teológica e pastoral; preparação básica dos professores de EMRC.»¹²⁷

Em fase do plano traçado no sentido de confrontar a igreja particular de Bragança – Miranda com o projecto da nova evangelização, poderá surgir a interrogação: Será que nesta diocese de Bragança-Miranda, encontramos o terreno da parábola, capaz de acolher e fazer germinar a semente da nova evangelização?

¹²⁴ Irmãs da Caridade do Sagrado Coração de Jesus; Servas Franciscanas Reparadoras de Jesus Sacramentado; Irmãs de Santa Doroteia; Ordem das Virgens Consagradas; Irmãs de São José de Cluny; Franciscanas Missionárias de Maria; Carmelitas da Antiga Observância; Instituto Secular Missionário Servas do Apostolado; Sociedade Salesiana de São João Bosco; Marianos da Imaculada Conceição.

¹²⁵ Carlos H. O. GÓMEZ, *Plan de formación para ministros de la palabra*, 18.

¹²⁶ DIOCESE DE BRAGANÇA-MIRANDA, *Decreto 02/2012 – Instituto Diocesano de Estudos Pastorais*.

¹²⁷ DIOCESE BRAGANÇA-MIRANDA, [<http://bit.ly/2h9ktPL> (12/12/2016)].

3. Nova evangelização na Igreja Particular de Bragança-Miranda

Ao desenhar neste capítulo alguns planos do desafio evangelizador para a realidade, pouco animadora mas onde a esperança não escasseia, desta diocese de Bragança-Miranda, queremos, desde já, colocar como protagonista da nova evangelização o Espírito Santo, pois «se o Senhor não guardar a casa em vão vigiam as sentinelas» (Sl 127). Por muito dinâmicas que sejam as orientações que se querem apresentar, temos a consciência de que só subsistem quando é claro, na consciência dos evangelizadores, o primado da graça e que, «quando não se respeita este primado, não há que se maravilhar se os projectos pastorais se destinam a falecer e deixem na alma um deprimente sentido de frustração» (NMI 38).

George Augustin convida-nos, antes de traçar qualquer tentativa evangelizadora, a reflectir acerca de algumas questões que se tornam evangelizadoras e muito pertinentes nesta hora em que a transmissão da fé se encontra em crise:

«Falamos de Deus, mas a pergunta decisiva continua a ser: Deus é para nós uma realidade viva ou mera referência de palavras, que não nos diz nada? Contamos realmente com o poder de Deus? Deus pode ser reconhecido no nosso meio? Como conseguiremos, apesar de todas as falhas humanas, tornar experimentável e visível a presença de Deus na Igreja?»¹²⁸

Do mesmo modo e no desafio de renovação e de nova evangelização, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) no documento *Comunidade de comunidades: uma*

¹²⁸ G. AUGUSTIN, «Caminos hacia el éxito de la nueva evangelización», in G. AUGUSTIN (ed), *El desafío de la nueva evangelización. Impulsos para la revitalización de la fé*, 146.

*nova paróquia*¹²⁹, aponta algumas questões oportunas para esta dissertação sobre a nova evangelização:

«Qual é a situação das nossas paróquias hoje? Quais são as causas de certo esfriamento na comunidade cristã? Que aspectos merecem uma revisão urgente? O que é que é possível propor e assumir na pluralidade da realidade?»¹³⁰.

No caminho da nova evangelização, que Higuét define como «a busca de uma nova situação que possa garantir novos espaços e novas formas de presença dos cristãos»¹³¹, estabelecer um novo paradigma, como escola de oração¹³² que prepara, quer para a vivência e compromisso da fé em comunidade, quer para o aprofundamento do mistério de Deus de forma pessoal, assente na voz imperativa do papa Francisco, «saíamos, saíamos» (EG 49), é a atitude emergente nesta realidade diocesana.

Neste caminho de nova evangelização, que não se dirige apenas aos indivíduos, mas abrange e estende-se a toda a vivência cultural, os frutos hão-de depender fundamentalmente da concepção de Igreja que os evangelizadores assumirem e da sua missão, «no seu estado de vida» (LG 39), face aos desafios da sociedade e da cultura atual neste território diocesano. Da diversidade das situações locais deriva também a diversidade na concretização das respostas às perguntas sobre a missão evangelizadora da igreja¹³³ e isso deve ter-se muito em conta na hora de pensar, oferecer e colocar em prática novas ações evangelizadoras, pois «o que se torna primordial é oferecer a cada um

¹²⁹ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia – a conversão pastoral da paróquia*, 52ª Assembleia Geral, Aparecida – SP., (2014), 4ª versão, Ed. CNBB, Brasília, 2014.

¹³⁰ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia – a conversão pastoral da paróquia*, 28.

¹³¹ Etienne HIGUET, «Alguns aspectos do catolicismo brasileiro actual – considerações a partir da visão da modernidade em Paul Tillich» in *Eletrónica Correlatio*, n. 1 (2002), [<http://bit.ly/2iZBMoQ> (11/01/2016)].

¹³² Cf. M. MAIER, «A nova evangelização na Europa», in *Perspetiva Teologica* 125 (2013), 76.

¹³³ Cf. Álvaro BARREIRO, «As Comunidades Eclesiais de Base como modelo inspirador da nova evangelização», in *Perspetiva Teologica*, 24 (1992), 331.

as condições de possibilidade do encontro íntimo com Cristo. Apenas as condições de possibilidade, e isso já é muito»¹³⁴.

No convite de São Paulo em proclamar a Palavra «no tempo oportuno e no inoportuno» (2 Tm 4, 2), acreditamos que este tempo é também «o momento favorável»¹³⁵ para anunciar o Evangelho e para «tornar a Igreja mais conforme à realidade do Evangelho e mais apta a responder aos problemas da nossa época»¹³⁶ e à situação local. Assim, queremos seguir um caminho de novidade, de aprendizagem e descobrimento de facetas ainda desconhecidas do Evangelho de Deus de modo a situar esta Igreja Particular a par e passo no que aprendeu e no que ainda está para aprender a partir da história passada e presente do Povo que a constitui, acreditando que como «realidade social da história não ignora quanto recebeu da história e da evolução do género humano» (GS 44). Num estilo dialógico, pretende-se ligar a nova evangelização a um novo modelo de igreja, como nos apresenta Klaus Krämer:

«não como igreja que se apresenta como aquela que sabe tudo de antemão e tem resposta cabal para qualquer pergunta, mas como igreja que aprende, busca, tateia; como igreja que no diálogo aprende a falar de modo novo daquilo que constitui o seu destino e a sua missão; que desenvolve, na discussão com a realidade vital das pessoas de hoje, a configuração e as formas da vida eclesial, tornando-se assim um lugar que não é fechado, mas convidativo, onde até as pessoas que até há pouco não se sentiam pertencentes podem encontrar uma resposta sustentável para o que buscam e almejam.»¹³⁷

Dispondo-se, assim, num caminho de «compromisso com a transformação da sociedade na linha dos valores evangélicos»¹³⁸ a abrir novos caminhos para a verdade (cf.

¹³⁴ Marc DONZE, «Le virage vers la proposition de la foi ne fait que commencer», in *Évangile et Mission*, 4 (2008), 167-174.

¹³⁵ C. THEOBALD, «Hoje é “tempo favorável”. Para um diagnóstico teológico do tempo presente», in Ph. BACQ – C. THEOBALD (dir.), *Uma nova oportunidade para o Evangelho – para uma pastoral de gestão*, 57.

¹³⁶ Álvaro BARREIRO, «As Comunidades Eclesiais de Base como modelo inspirador da nova evangelização», in *Perspetiva Teologica* 24 (1992), 338.

¹³⁷ M. MAIER, «A nova evangelização na europa», in *Perspetiva Teologica* 125 (2013), 78.

¹³⁸ Álvaro BARREIRO, «As Comunidades Eclesiais de Base como modelo inspirador da nova evangelização», in *Perspetiva Teologica* 24 (1992), 337.

GS 44) num tempo em que o ambiente social faz ressoar a necessidade de sentir o Evangelho de forma adequada quer à sua linguagem, quer às suas necessidades.

Este processo, ambicioso, só parece possível concentrando esforços de diálogo, de comunhão e de participação na estrutura que é a paróquia. Tornar a paróquia foco e centro do processo evangelizador a fim de um trabalho pastoral mais organizado, renovando atitudes, purificando estruturas e discernindo quais os métodos para melhor apresentar a verdade do Evangelho e assim «renovar-se para melhor evangelizar»¹³⁹.

3.1. A Paróquia

A paróquia como «comunidade de fiéis, constituída estavelmente na Igreja particular, cuja cura pastoral, sob a autoridade do Bispo diocesano, está confiada ao pároco» (CIC, 515) parece-nos ser a primeira instituição pastoral na nossa realidade diocesana a ser evangelizada e renovada, ou seja a assumir uma nova compreensão pastoral – «conversão missionária». Como uma «maternidade da Igreja, que gera, amamenta, faz crescer, corrige, alimenta, conduz pela mão»¹⁴⁰, é convidada a congregar todos os fiéis, especialmente os mais empenhados na vida paroquial, num caminho sinodal para refletir e descobrir, respetivamente, quer a eficácia da ação da paróquia no anúncio do Evangelho, quer a «inventividade das surpresas com que Deus constantemente nos brinda»¹⁴¹.

Embora seja insubstituível, será sempre a comunidade de referência para os baptizados, encontra-se hoje insuficiente, carece de espírito missionário e não sendo «uma estrutura caduca; precisamente porque possui uma grande plasticidade, pode assumir formas

¹³⁹ Miguel Payá ANDRES, *La parroquia, comunidade evangelizadora*, 21.

¹⁴⁰ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia – a conversão pastoral da paróquia*, 54.

¹⁴¹ Tiago M. F. NETO, *Hora de mudança na transmissão da fé – A urgência da pastoral de gestação*, 14.

muito diferentes que requerem docilidade e criatividade missionária do pastor e da comunidade» (EG 28).

O objetivo consiste que cada paróquia, «laboratório de rede de comunidades, grupos, movimentos»¹⁴², seja uma comunidade viva e corresponsável, com consciência comunitária, compromisso missionário e dinamismo evangelizador, caminhando para o sucesso da revitalização da Igreja Particular, no seu todo.

A paróquia, meio e instrumento evangelizador, é a comunidade que «formada por homens, que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para a comunicar a todos» (GS 1), por tal, como apresenta o Papa Francisco, «supõe que esteja realmente em contacto com as famílias e com a vida do povo, e não se torne uma estrutura complicada, separada das pessoas, nem um grupo de eleitos que olham para si mesmos» (EG 28).

A narração da aparição de Jesus na margem do lago de Tiberíades (João 21, 1-14) sugere-nos uma pedagogia de relação, pois «Jesus aproximou-se, tomou o pão e deu-lho» (Jo 21, 13), deixando-nos assim uma forma de encontro, «pessoal e existencial»¹⁴³ com cada um dos indivíduos para os animar «ao serviço de Cristo e da Igreja» (AA 1). À sua imagem, nesta cultura do encontro pessoal, à paróquia compete a aproximação concreta, oferecendo a todos, em geral, mas também a cada um pessoalmente, a Verdade do Evangelho, traduzida muitas vezes em obras (Tg 2, 14), para que posteriormente cada um desses tocados pelo Evangelho possa dizer: «Nós também vamos contigo» (Jo 21, 3).

Sendo instrumento pastoral ao serviço da comunhão eclesial, cada uma das paróquias, apoiada e enriquecida nas instâncias supraparóquias, tanto territoriais (como a diocese, o arciprestado, a unidade pastoral), como sectoriais (os secretariados diocesanos, os

¹⁴² Cleto CALIMAN, «Evangelizar num mundo plural: paróquias evangelizadoras», in *Horizonte: Belo Horizonte* 5, n. 10 (2007), 32.

¹⁴³ E. SCHILLEBEECKS, *Cristo, o sacramento do encontro com Deus: estudo teológico sobre a salvação mediante os sacramentos*, 32.

movimentos apostólicos) é chamada, quer a apresentar-se como uma casa comum, na qual todos os carismas autênticos e todas as especificidades do Povo de Deus possam «encontrar acolhimento, apoio, formação e promoção»¹⁴⁴, quer a promover, com emergência, o zelo missionário para com os que estão mais afastados.

Conscientes de que as formas anquilosadas já não transmitem com eficácia a beleza do Evangelho e a felicidade do encontro com Cristo, propomo-nos seguir alguns caminhos, abertos à novidade de Deus, para fazer frente ao comum sentimento paroquial de fracasso na transmissão da fé.

3.1.1. A Paróquia, casa que se abre à Palavra e à experiência de Deus

A ação evangelizadora nas paróquias só concretiza verdadeiramente o desígnio salvífico de Deus na história de cada indivíduo quando houver plena consciência de que todo o plano evangelizador deve brotar da palavra de Deus e só nela encontra, inclusive resposta para a questão antropológica: «que procurais?» (Jo 1, 35).

Nesta certeza, parece-nos que o alicerce para a revitalização das paróquias é a sua abertura «à fecundidade do Espírito»¹⁴⁵ na meditação da palavra divina. Como declara o Concílio Vaticano II, ao referir que

«a Igreja sempre venerou as divinas Escrituras, tal como venera o próprio Corpo do Senhor, ela que nunca cessa, sobretudo na liturgia, de tomar o Pão da vida, tanto na mesa da Palavra de Deus como na mesa do Corpo de Cristo, para oferecê-la aos fiéis» (DV 21),

entendemos que a Palavra de Deus é alimento «tão substancial quanto o do Pão eucarístico, e lugar de geração da comunidade eclesial»¹⁴⁶, por isso os princípios capazes

¹⁴⁴ CONFERÊNCIA EPISCOPAL EMILIA-ROMAGNA, *Religiosidade alternativa, seitas, espiritismo – Desafio cultural, educativo e religioso*, 77.

¹⁴⁵ M. MATTEO – F. AMHERDT, *Abrir-se à fecundidade do Espírito - fundamentos de uma pastoral de geração*, Paulinas, Prior Velho, 2016.

de fazer irromper uma ação evangelizadora eloquente¹⁴⁷ emanam da escuta da palavra de Deus e só esta escuta contemplativa possibilitará aos evangelizadores o desempenho da sua missão na Igreja e no mundo, «pela graça de Deus sou o que sou» (1 Cor 15, 10).

Tendo em conta que «a palavra de Deus é viva e eficaz» (Heb 4, 12), nas paróquias, independentemente da sua caracterização, o sacerdote, juntamente com os animadores e agentes de evangelização, deve colocar a programação paroquial «sob o signo da santidade» (NMI 30) que brota da palavra de Deus, pois é nela que se traça o caminho de encontro com Deus e com os irmãos na fé, «da nossa união a Cristo brota uma verdadeira fonte de vida e de amor, que só ela é capaz de nos gerar na nossa identidade no Espírito e de “transformar o mundo”»¹⁴⁸. Realçando a importância da santidade dos evangelizadores, como um testemunho autêntico e credível, diz-nos Marc Donzé:

«Pois “Deus transparece mais do que parece” (Maurice Zundel). Através daquele, daqueles que vivem verdadeiramente em Cristo, Deus transparece. Dá-se a ver. Pode tocar o coração. A possibilidade do encontro íntimo encontra uma figura»¹⁴⁹.

E, no mesmo sentido, George Augustin:

«há que afirmar que a credibilidade da Igreja depende de forma decisiva da santidade dos seus membros, especialmente daqueles que, através da sua ação, determinam o rosto que a Igreja apresenta para o exterior. Por isso, a procura da santidade é um dever sagrado de todos, a fim de que a autenticidade da Igreja resulte mais visível e perceptível»¹⁵⁰.

¹⁴⁶ Odile R. DUMAS – Philippe BACQ, «Palavra de Deus e pastoral de gestação», in *Uma nova oportunidade para o Evangelho – para uma pastoral de gestação*, 132.

¹⁴⁷ Djalma Lopes SIQUEIRA, «Princípios eclesiológicos de um plano diocesano de nova evangelização», in *Medellín* 154 (2013), 273.

¹⁴⁸ M. MATTEO – F. AMHERDT, *Abrir-se à fecundidade do Espírito - fundamentos de uma pastoral de gestação*, 131.

¹⁴⁹ Marc DONZE, «Proposer la foi. En quêtêre d’identité chrétienne», in *Chosir*, n° 561 (2006), 21.

¹⁵⁰ G. AUGUSTIN, «Caminos hacia el éxito de la nueva evangelización», in *El desafío de la nueva evangelización. Impulsos para la revitalización de la fé*, op. cit., 155.

Sendo que o centro da ação evangelizadora é sempre a conversão, «oferecida quando o Evangelho é colocado no centro da existência»¹⁵¹, a progressão da vida espiritual e a santificação, é exigente que se fomente nas paróquias a «arte de viver e de alimentar a fé»¹⁵² com a palavra e com a experiência de Deus – apostar na dimensão espiritual para a nova evangelização – não esquecendo que, como aponta o papa Bento XVI, «para anunciar a palavra do Evangelho de modo fecundo é preciso em primeiro lugar uma profunda experiência de Deus»¹⁵³. Marc Donzé desenvolveu a sua reflexão pastoral na insistente importância da vida espiritual onde afirma que:

«a identidade cristã assenta essencialmente no encontro íntimo e vivo com Cristo. Ela é principalmente uma relação interpessoal (e mística) com Aquele que é o Caminho, a Verdade e a Vida: uma relação que se joga no mais íntimo do ser: “interior intimo meo”, dizia Santo Agostinho [...]. É esse o objectivo supremo da proposta da fé: que a pessoa se torne vitalmente ser-em-Cristo»¹⁵⁴.

Ou, no mesmo sentido, questiona Pierrette Daviau:

«Se a vida espiritual pretendida é “aquela que faz bem, que traz qualquer coisa mais à realização das potencialidades de cada indivíduo”, que assegura a paz interior, a reconciliação consigo mesmo, a calma e o equilíbrio, não se deverá dizer que a experiência humana se torna o lugar e o espaço onde Deus fala e atua?»¹⁵⁵.

Enraizados na revelação divina e assentando a espiritualidade paroquial na palavra de Deus, convidando à experiência pessoal do encontro com Deus, as comunidades paroquiais são convidadas a promover programas de catequese bíblica, criar espaços de

¹⁵¹ Marie-Jo DENIAU, «Quando o rosto do evangelho suscita opções de vida», in *Uma nova oportunidade para o Evangelho – para uma pastoral de gestação*, 239.

¹⁵² M. MATTEO – F. AMHERDT, *Abrir-se à fecundidade do Espírito - fundamentos de uma pastoral de gestação*, 132.

¹⁵³ Rino FISICHELLA, *La nueva evangelización*, 116.

¹⁵⁴ Marc DONZE, «Proposer la foi. En quête d’identité chrétienne», in *Chosir*, n° 561 (2006), 21.

¹⁵⁵ Pierrette DAVIAU, «Espiritualidade de gestação e práxis pastoral», in Ph. BACQ – C. THEOBALD, *Uma nova oportunidade para o Evangelho – para uma pastoral de gestação*, 183.

contemplação e percursos de conhecimento bíblico para que seja mais compreensível a mensagem da palavra de Deus e com isto dar «chances para um aprofundamento e actualização da fé cristã»¹⁵⁶ por meio da Sagrada Escritura, que é «tesouro da tradição cristã»¹⁵⁷.

«Em virtude da sua mesma dinâmica interna, a fé implica ser conhecida, celebrada, vivida e feita oração» (DGC 84), portanto, cada paróquia é desafiada, no contexto da nova evangelização, a compreender-se como *casa* de que se abre à palavra e à experiência de Deus abrindo, em permanência, as portas dos seus templos, igrejas e capelas, para que nos silêncios existenciais da vida quotidiana, os fiéis possam encontrar, no momento necessário, onde contemplar o silêncio de Deus¹⁵⁸; em cada paróquia deve existir um espaço onde sobressaia a Sagrada Escritura para que possa ser contemplada por qualquer pessoa, na certeza, já de antemão, que «estamos convencidos que o Evangelho de Jesus Cristo como Sabedoria de Deus é capaz de persuadir por si mesmo»¹⁵⁹.

Na paróquia, como *casa que se abre* e «lugar privilegiado da catequese» (CT 67) deve elaborar-se um plano catequético para os adultos em torno da palavra de Deus, visto que são eles quem têm as «maiores responsabilidades e capacidade para viverem a mensagem cristã na sua forma plenamente desenvolvida» (CT 43), a fim de esclarecer, estimular e renovar a sua fé. Este plano pode passar por uma proposta a três tempos: a Mesa da Palavra, Casas do Evangelho e Lectio Divina. Atentemos em cada um destes tempos que pretendem tornar o Evangelho como uma verdade visível e palpável:

a) «*A mesa da Palavra*» - um encontro de leigos, num espaço acolhedor, que escutam, reflectam e dialoguem, partindo sempre de um texto da Sagrada Escritura e

¹⁵⁶ M. MAIER, «A nova evangelização na europa» in *Perspetiva Teologica* 125 (2013), 78.

¹⁵⁷ *Ibidem*, 78.

¹⁵⁸ BENEDICTUS PP. XVI, *Homilia na celebração eucarística com os membros da Comissão Teológica Internacional*, [<http://bit.ly/1OZjwru> (06/10/2015)].

¹⁵⁹ W. KASPER, «La nueva evangelización como desafío espiritual», in G. AUGUSTIN, *El desafío de la nueva evangelización. Impulsos para la revitalización de la fé*, 31.

levando a um ato pessoal de reflexão e conversão¹⁶⁰. Com a assistência de um guia (o pároco, mas de preferência um leigo formado) que esclarece, numa fase posterior, o sentido de certas palavras, situando-as no texto e no contexto histórico, evitando assim interpretações erróneas. Este momento Mesa da Palavra é por nós entendido como uma nova oportunidade de proporcionar aos fiéis a escuta da palavra de Deus e a voz do Espírito Santo.

b) «Casas do Evangelho» - encontros regulares, «de encontros em encontros, as pessoas sentem-se felizes por se encontrarem»¹⁶¹, não nas salas do centro paroquial, mas em casas particulares, como as reuniões segundo os Atos dos Apóstolos. Com isto pretender-se-ia um encontro feliz entre pessoas que se reúnem para «ler juntos relatos do Evangelho, colocar-se à escuta da palavra que aí se revela, deixar-se transformar por ela»¹⁶². Entendendo estas «casas do Evangelho» como uma fonte nova de vitalidade sempre relacionada com a paróquia, pois «a paróquia é a Igreja a residir no meio das casas, no meio dos seus filhos e filhas». Encontros em família ou em grupos de famílias conforme a oportunidade.¹⁶³

c) «*Lectio Divina*» - o contacto com as Escrituras mediante esta forma de rezar é também um caminho catequético para «uma nova primavera espiritual»¹⁶⁴. Provocar os fiéis leigos a um contacto directo com a Palavra, cada dia e em família, lendo-a, meditando-a, rezando-a e contemplando-a, para que a vida concreta possa frutificar¹⁶⁵ à

¹⁶⁰ Odile R. DUMAS, Philippe BACQ, «Palavra de Deus e pastoral de gestação», in Ph. BACQ – C. THEOBALD, *Uma nova oportunidade para o Evangelho – para uma pastoral de gestação*, 131.

¹⁶¹ *Ibidem*, 131.

¹⁶² *Ibidem*, 131.

¹⁶³ Cf. José M. G. CORDEIRO, *Corações ao alto – introdução à liturgia da Igreja*, 111.

¹⁶⁴ BENEDICTUS PP. XVI, *Discurso aos participantes no Congresso Internacional por ocasião do 40º aniversário da Constituição Dogmática Dei Verbum*, (16 de Setembro de 2005), [<http://bit.ly/1LzArk1> (05/10/2015)].

¹⁶⁵ Cf. José M. G. CORDEIRO, *O grão de amendoeira*, 132.

luz da Sagrada Escritura. Com isto cada casa torna-se uma igreja e o homem de fé aprofunda a sua vida, baseada na experiência vivida e na meditação da palavra¹⁶⁶.

A par disto, embora a desertificação das comunidades (pág. 43) diminua a possibilidade de encontrar pessoas que se disponham a abrir as nossas igrejas, encontrando-se fechadas, por vezes, durante dias, deixando de ser casas de oração e de abrigo na fé, transformando-se em templos abandonados. Isto desafia, em primeiro lugar, os párocos a estimular nas comunidades os leigos a este serviço de *porta aberta*.

Assim, os agentes de evangelização em cada paróquia, ou unidade pastoral, são convidados, não apenas a reunir-se para construir planos de reuniões, para organizar congressos ou criar comissões, mas a viver de plenos encontros com a palavra divina e abrindo assim espaço para uma experiência pessoal com Deus, «suscitando de novo a fé, a esperança e o amor»¹⁶⁷, numa atitude de permanente conversão pastoral e pessoal que «envolve escutar com atenção e discernir “o que o Espírito diz às igrejas” (Ap 2, 29) através dos sinais dos tempos nos quais Deus se manifesta»¹⁶⁸, ou, como bem ensina o Concílio Vaticano II, a refletir que «a força e o poder encerrados na palavra de Deus são tão grandes que constituem para a Igreja, a força da sua fé e o alimento da sua alma, a fonte pura e permanente da sua vida espiritual» (DV 21) e o que acarreta assumir o desafio: «o acesso à Sagrada Escritura seja largamente aberto aos cristãos» (DV 22).

Resumindo, apostar numa pastoral de proposta «sem qualquer constrangimento nem imposição»¹⁶⁹.

¹⁶⁶ Cf. José M. G. CORDEIRO, Carta Pastoral por ocasião do Ano da Fé: *Liturgia, a primeira escola da fé*, 50.

¹⁶⁷ W. KASPER, «La nueva evangelización como desafío espiritual», in G. AUGUSTIN, *El desafío de la nueva evangelización. Impulsos para la revitalización de la fé*, 31-32.

¹⁶⁸ DOCUMENTO DE APARECIDA, 366.

¹⁶⁹ M. MATTEO – F. AMHERDT, *Abrir-se à fecundidade do Espírito - fundamentos de uma pastoral de gestação*, 15.

3.1.2. A Paróquia, lugar de acolhimento

A paróquia, «ambiente ordinário, no qual se nasce e se cresce na fé» (DGC 257), casa contemplativa da palavra de Deus, é convidada também a assumir em si mesma o apelo que o Papa Paulo VI faz à Igreja Universal:

«Evangelizadora como é, a Igreja começa por se evangelizar a si mesma. Comunidade de crentes, comunidade de esperança vivida e comunicada, comunidade de amor fraterno, ela tem necessidade de ouvir sem cessar aquilo que ela deve acreditar, as razões da sua esperança e o mandamento novo do amor. Que o mesmo é dizer, numa palavra, que ela tem sempre necessidade de ser evangelizada, se quiser conservar frescura, alento e força para anunciar o Evangelho» (EN 15).

Para ser evangelizadora, assumindo este convite, a paróquia evangeliza-se por «uma conversão e renovação constantes» (EN 15) que, nos dias de hoje, parte por «tomar verdadeiramente em conta as pessoas, os seus desejos e as suas expectativas»¹⁷⁰, ou seja evangeliza-se quando inicia, não por opção mas por prioridade, um processo de actualizar hoje a experiência humanizadora, libertadora e salvadora que o próprio Cristo deixa como legado na sua relação com cada uma das pessoas que, no seu tempo, mais necessitavam. Legado que nos é transmitido na narração de cada evangelho.

Compostas por «grupos inteiros de baptizados que perderam o sentido vivo da fé» (RMi 34), as paróquias são convidadas a acolher o desafio do papa Francisco, tornando-se comunidades acolhedoras, em saída, «porto de partida para o anúncio evangélico»¹⁷¹, e educadoras da fé, quer dos muitos fiéis leigos que se consideram cristãos mas que não estão preparados para dar razões da sua fé (Cf. 1 Pe 3, 15), quer daqueles que estão longe da comunidade e da vida paroquial. Ou seja, percorrer uma «pastoral de acolhimento»¹⁷²

¹⁷⁰ Ph. BACQ, «Para uma pastoral de gestação», in Ph. BACQ – C. THEOBALD, *Uma nova oportunidade para o Evangelho – para uma pastoral de gestação*, 11.

¹⁷¹ CONFERÊNCIA EPISCOPAL EMILIA-ROMAGNA, *Religiosidade alternativa, seitas, espiritismo – Desafio cultural, educativo e religioso*, 78.

¹⁷² Ph. BACQ, «Para uma pastoral de gestação», in Ph. BACQ – C. THEOBALD, *Uma nova oportunidade para o Evangelho – para uma pastoral de gestação*, 12.

que não se limita a dar todas as respostas, mas antes escutar todas as perguntas e não continuar no caminho de «escutar só as perguntas, para as quais já se tem respostas»¹⁷³.

Primando pela hospitalidade evangélica, «a paz esteja convosco» (Jo 20, 21), e esforçando-se por buscar os mais afastados, nas paróquias há-de avivar-se um diálogo – relação de perguntas e respostas – que torne mais fortalecido na fé, quer quem pergunta, quer quem responde, dando razões da sua esperança (cf. 1 Pe 3, 15). Diálogo que por sua vez leva ao conhecimento de cada uma das pessoas, à sua vida concreta, à sua realidade (necessidades e possibilidades), podendo assim, os agentes de evangelização de cada paróquia, formular uma proposta de vida cristã a cada indivíduo, sendo assim, «em certo sentido, a própria Igreja que vive no meio das casas dos seus filhos e das suas filhas» (ChL 26).

O encontro e o diálogo com os muitos fiéis que se abeiram da Igreja para pedir certos sacramentos, essencialmente Batismo, Confirmação e Matrimónio, em larga escala sem a noção teológica do que eles significam, são oportunidades a aproveitar e a cultivar para oferecer a verdade do Evangelho¹⁷⁴, são em si mesmas, oportunidades de nova evangelização que podem ser fulcrais para que os homens e mulheres passem a uma verdadeira adesão pessoal, ou como deixa perceber Martin Maier passem de um cristianismo de tradição para um cristianismo de decisão¹⁷⁵. Acolhimento e tolerância serão as atitudes mais cristãs neste caminho de nova evangelização, tal como deixam transparecer Matteo e Amherdt

«é importante que o crente se sinta acolhido nas suas dificuldades; que as respostas não sejam sempre cortantes, mas que lhe seja proposto avançar através da oração e dos sacramentos. Ele não quer sentir-se julgado ou não estar à altura,

¹⁷³ *Ibidem*, 15.

¹⁷⁴ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, «*Carta Pastoral “Como eu vos fiz, fazei vós também” Para um rosto missionário da Igreja em Portugal*», 26 [<http://bit.ly/1jdSmJ> (03/09/2015)].

¹⁷⁵ Martin MAIER, «A nova evangelização na europa», in *Perspetiva Teologica* 125 (2013), 79.

ninguém o está por si mesmo. Só Deus nos dá a graça de nos reajustar a Ele. A única coisa a dizer-lhe é “sim”»¹⁷⁶.

Um lugar de acolhimento que se transformará, com o tempo, em lugar de acompanhamento, onde a espiritualidade da ternura e da compaixão, onde os gestos e as palavras humanas, iluminadas pela Palavra divina e animadas pelo Espírito Santo, serão o despertar da fé adormecida, visto que todos os indivíduos «já têm Cristo presente e atuante nas suas vidas, embora não tenham consciência disso»¹⁷⁷, ou como refere o papa Francisco: «hoje, mais do que nunca, precisamos de homens e mulheres que conheçam, a partir da sua experiência de acompanhamento, o modo de proceder onde reine a prudência, a capacidade de compreensão, a arte de esperar, a docilidade do Espírito» (EG 171).

Esta ideia deve estar clara na consciência de todos os que, apostados em «palmilhar as ruas da paróquia»¹⁷⁸, se empenham numa «pastoral decididamente missionária»¹⁷⁹ onde a experiência pessoal do amor de Deus se prende às realidades quotidianas, «se alguém acolheu este amor que lhe devolve o sentido da vida, como é que pode conter o desejo de o comunicar aos outros?» (EG 8). Assim, a paróquia que acolher e acompanhar será entendida como casa maternal, o «estilo mariano na atividade evangelizadora» (EG 288) e não como «uma estrutura complicada, separada das pessoas, nem um grupo de eleitos que olham para si mesmos» (EG 28). Este poderá ser um dos caminhos para fazer frente há multidão de pessoas que «que vivem sem a força, sem a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo; sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida» (EG 49).

¹⁷⁶ M. MATTEO – F. AMHERDT, *Abrir-se à fecundidade do Espírito - fundamentos de uma pastoral de gestação*, 40.

¹⁷⁷ M. MATTEO – F. AMHERDT, *Abrir-se à fecundidade do Espírito - fundamentos de uma pastoral de gestação*, 178.

¹⁷⁸ Joan BESTARD, *Corresponsabilidad y participación en la parroquia. El Consejo Pastoral Parroquial*, 107.

¹⁷⁹ DOCUMENTO DE APARECIDA, 370.

Acolher não é de todo estar à espera, numa atitude passiva, que batam à porta. Acolher, nesta igreja particular, e neste contexto da nova evangelização, há-de ser sinónimo de viver em êxodo, abandonando a pastoral de manutenção, onde prevalece a ideia de que as pessoas são todas cristãs, como que por osmose, e favorecendo uma pastoral de encontro; acolher há-de ser a superação da mentalidade da cristandade que «viciou a Igreja numa atitude de espera»¹⁸⁰ para uma operação de mentalidades que se abrem à descoberta do cada próximo, na sua situação particular, como um irmão onde Cristo se encontra; acolher, indo ao encontro da teologia do papa Francisco, há-de ser deixar-se conduzir por caminhos novos com atitudes renovadas – primeirar, envolver-se, acompanhar, frutificar e festejar (cf. EG, 24). Francisco apresenta de forma clara a importância de uma saída, mas acolhedora:

«saíamos, saíamos a oferecer a todos a vida de Jesus: prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e comodidade de se agarrar às próprias seguranças. (...) Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida» (EG 49).

Para que esta atitude seja eloquente, na hora de lançar mãos aos «baptizados que perderam o sentido vivo da fé, não se reconhecendo já como membros da Igreja e conduzindo uma vida distante de Cristo e do seu Evangelho» (RMi 33) os evangelizadores, os primeiros a ter consciência de que o Espírito Santo está em ação tanto neles como nos evangelizados, para auxiliar o caminho de fé dos que estão presentes, dos que regressam e dos que chegam de novo, devem usar «uma linguagem capaz de comunicar a palavra de Deus» (DGC 146), clara, cheia de vida e com sentido (cf. EG 158-159), pois «as enormes e rápidas mudanças culturais exigem que prestemos constante

¹⁸⁰ Djalma Lopes SIQUEIRA, «Princípios eclesiológicos de um plano diocesano de nova evangelização», in *Medellín* 154 (2013), 271.

atenção ao tentar exprimir as verdades de sempre numa linguagem que permita reconhecer a sua permanente novidade» (EG 41). Por muito vivida que seja a experiência de fé de quem evangeliza, não pode empregar expressões demasiadamente eruditas, pois são indecifráveis para a maioria desses cristãos que caminham nos atalhos das periferias, seria apresentar um Evangelho estranho. Se a linguagem verbal é esclarecedora, a linguagem do «próprio testemunho de vida cristã muitas vezes silencioso, mas perseverante, no desenrolar da vida de todos os dias, vivida segundo o Evangelho» (CT 68) dos agentes de evangelização pode ser muito mais eloquente.

No mesmo sentido, para uma clara atitude acolhedora é importante considerar o que o papa Francisco nos aponta e reconhecer que

«se uma parte do nosso povo baptizado não sente a sua pertença à Igreja, isso deve-se também à existência de estruturas com clima pouco acolhedor em algumas das nossas paróquias e comunidades, ou à atitude burocrática com que se dá resposta aos problemas, simples ou complexos, da vida dos nossos povos. Em muitas partes, predomina o aspeto administrativo sobre o pastoral, bem como uma sacramentalização sem outras formas de evangelização» (EG 63).

Hospitaleira, a paróquia será uma casa aberta a todos e ao serviço de todos, ou, como preferia chamar-lhe o Papa João XXIII, “o fontanário da aldeia a que todos acorrem na sua sede” (ChL 27).

3.1.3. A Paróquia, laboratório de movimentos e “comunidade de comunidades”

Embora, como referimos no segundo Capítulo, nesta diocese de Bragança-Miranda se tenha apostado em criar «unidades pastorais»,

«em ordem a uma autêntica pastoral de conjunto, sobretudo no anúncio do Evangelho, na celebração da liturgia e na diaconia da caridade, procurando uma mais profunda complementaridade entre os Presbíteros, os Diáconos, os

Leitores, os Acólitos, os Ministros extraordinários da comunhão e outros Leigos com responsabilidades próprias na pastoral da comunidade cristã»¹⁸¹,

cremos que, ainda assim, estes agrupamentos são um campo muito alargado que abrange muitos indivíduos, dispersos, e por isso cria ainda um certo anonimato, sem identificação pessoal e sem compromisso, com a paróquia.

Propomos, em vista a congregar os leigos numa sólida espiritualidade, fraternidade e unidade - «por uma espiritualidade de comunhão»¹⁸² - que nas paróquias se criem pequenos grupos por afinidades, comunidades de fiéis, ou aderiram a movimentos eclesiais, que servem para vivificar a Igreja¹⁸³, nos quais, em grupo de proximidade se participa e se reflecte a vida espiritual, quer pessoal, quer do movimento, quer da Igreja Universal, criando a oportunidade de «experimentar a circulação do Evangelho»¹⁸⁴ e , nos vários encontros, «uma dose de novidade da vida espiritual»¹⁸⁵ que enriquece quando partilhada.

Também, no caminho da nova evangelização nesta igreja particular, os leigos que contraíram matrimónio, até agora congregados em torno da paróquia e sob a responsabilidade do pároco, hão-se ser desafiados a, dentro da paróquia, ou em unidade pastoral, mas não nas *salas* da paróquia, reunirem-se em contexto familiar, incentivando a participação de todos os membros da família, célula da comunidade paroquial¹⁸⁶, «tanto dos casais como dos seus filhos»¹⁸⁷, refletindo à luz do Evangelho as questões da família: matrimónio cristão; relacionamento entre pais e filhos; dos filhos entre si; da relação com

¹⁸¹ J. M. CORDEIRO, *Estatutos, Normas e Diretivas – Diocese de Bragança-Miranda*, 183.

¹⁸² M. MATTEO – F. AMHERDT, *Abrir-se à fecundidade do Espírito - fundamentos de uma pastoral de gestação*, 38.

¹⁸³ Raymundo Heraldo MAUÉS, «Os novos movimentos eclesiais e a ética familiar católica: uma nova cristandade?», in *TOMO 14* (2009), 68.

¹⁸⁴ M. MATTEO – F. AMHERDT, *Abrir-se à fecundidade do Espírito - fundamentos de uma pastoral de gestação*, 38.

¹⁸⁵ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Carta A Igreja rejuvenesce*, 18.

¹⁸⁶ Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL EMILIA-ROMAGNA, *Religiosidade alternativa, seitas, espiritismo – Desafio cultural, educativo e religioso*, 78.

¹⁸⁷ Raymundo Heraldo MAUÉS, «Os novos movimentos eclesiais e a ética familiar católica: uma nova cristandade?», in *TOMO 14* (2009), 69.

outrem e posterior noivado; e muitas outras questões¹⁸⁸. Realçar e afirmar a importância da família na renovação das paróquias é um desafio a levar avante, pois

«chegou a hora da família reconhecer a sua identidade e assumir a liderança na renovação da sociedade. O homem e a mulher, sendo imagem e semelhança de Deus (Gn 1, 27), que é amor, são chamados a viver no matrimónio o mistério da comunhão e da relação trinitária (...). A manjedoura é a imagem da família que enfatiza a Trindade pelo fato de ter acolhido Aquele que a revela»¹⁸⁹.

Como bem nos apontam os Bispos da Conferência Episcopal Emilia Romagna:

«a família, e de modo especial os grupos de famílias, como outras realidades associativas, poderão revelar-se de grande utilidade para levar a mensagem evangélica até às zonas mais expostas ao sucesso da ação proselitista das seitas e dos movimentos religiosos alternativos»¹⁹⁰.

Perante a realidade heterogénea e multifacetada que vai aumentando nas paróquias, especialmente as urbanas, onde o ambiente social, por natureza, privilegia as vantagens materiais, é imprescindível a existência de um grupo ou movimento, «enquanto realidade dinâmica, capaz de suscitar particular atracção pelo Evangelho e de sugerir uma proposta de vida cristã tendencialmente global que abarca todos os aspectos da existência humana»¹⁹¹, que receba as pessoas em dificuldade¹⁹², carregadas de preocupações, que tente compreender os seus problemas e que reze com elas, para que, como nos diz o papa Francisco, não haja «tantos irmãos nossos que vivem sem a força, sem a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo; sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida» (EG 49). Como refere Matteo e Amherdt: «Deus deseja que a nossa Igreja ouse ter um comportamento misericordioso que vá à frente daqueles que sofrem»¹⁹³, ou seja uma

¹⁸⁸ Cf. *Ibidem*, 69.

¹⁸⁹ Joaquim PERTINEZ, «Relações Familiares: Manjedoura da Santíssima Trindade na vivência da Paz e da Solidariedade», XVII Congresso Nacional do ECC, Rio Branco, 2005 [<http://bit.ly/2j9G6AF> (05/01/2016)].

¹⁹⁰ CONFERÊNCIA EPISCOPAL EMILIA-ROMAGNA, *Religiosidade alternativa, seitas, espiritismo – Desafio cultural, educativo e religioso*, 78.

¹⁹¹ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Carta A Igreja rejuvenesce*, Paulus Editora, Lisboa, 2016, 2.

¹⁹² Cf. M. MATTEO – F. AMHERDT, *Abrir-se à fecundidade do Espírito - fundamentos de uma pastoral de gestação*, 40.

¹⁹³ *Ibidem*, 38.

Igreja que vive como uma «rede de apoio emocional e calor humano»¹⁹⁴, redescobrimo-se em *novos lugares* da presença de Deus.

Numa diocese onde, como ficou visto (pág. 51), as vocações sacerdotais e religiosas são reduzidas e a pastoral que prevalece é de manutenção, encerrando-se na maioria das paróquias à celebração da Eucaristia, também as «diversas possibilidades de experiência religiosa dentro dos movimentos tornam mais hábeis as fronteiras entre a vida consagrada e a comunidade laica»¹⁹⁵ e, por isso, podem ser um «novo despertar e alimentar a vida de fé do povo de Deus»¹⁹⁶ e uma nova resposta ao sentido da vida em Cristo. Como nos refere Maués,

«esses movimentos seriam o sinal de um renascimento religioso, a revanche sobre a secularização, o retorno a um catolicismo de ordem e certezas, a profecia de um cristianismo carismático sinérgico»¹⁹⁷.

A nova evangelização nesta igreja particular passa, a nosso ver, por revitalizar movimentos existentes e mobilizar novos movimentos de espiritualidade, «comunhão de comunidades»¹⁹⁸, e incrementar a comunhão entre eles, pois acreditamos, citando Bacq, que

«formar, hoje, grupos de crentes que releiam juntos a sua vida à luz do Evangelho oferece uma verdadeira oportunidade de futuro para as paróquias. É verdade que vários movimentos, comunidades e grupos diversos praticam, já há muito tempo, “partilhas de vida”. No entanto, raramente estão ligados às paróquias propriamente ditas»¹⁹⁹.

¹⁹⁴ Raymundo Heraldo MAUÉS, «Os novos movimentos eclesiais e a ética familiar católica: uma nova cristandade?», in *TOMO 14* (2009), 74.

¹⁹⁵ Abelardo Jorge SONEIRA, «Tradición y campo católico em América Latina» in *Sociedad y Religión 22*, Buenos Aires (2002), 89-96.

¹⁹⁶ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, Carta *A Igreja rejuvenesce*, 1.

¹⁹⁷ Raymundo Heraldo MAUÉS, «Os novos movimentos eclesiais e a ética familiar católica: uma nova cristandade?», in *TOMO 14* (2009), 77.

¹⁹⁸ ¹⁹⁸ M. MATTEO – F. AMHERDT, *Abrir-se à fecundidade do Espírito - fundamentos de uma pastoral de gestação*, 162.

¹⁹⁹ Ph. BACQ, «Para uma pastoral de gestação», in Ph. BACQ – C. THEOBALD, *Uma nova oportunidade para o Evangelho – para uma pastoral de gestação*, 22.

Nestes novos caminhos evangelizadores, percorridos com «coragem e com atrevimento, remando mar a dentro»²⁰⁰, a paróquia deverá entender-se, neste campo, como comunidade de comunidades²⁰¹ fundada sobre o Espírito Santo, manifestando com isto a multiforme riqueza da comunhão eclesial e que traça simultaneamente «a diversidade, a multiplicidade e, ao mesmo tempo, realizar a unidade» (EG 131).

3.1.4. Paróquia, comunidade vivificada e unida pela liturgia

Cada paróquia, embora abertura à novidade de novos movimentos e comunidades eclesiais, com uma espiritualidade própria, só se edificará e solidificará, actualmente, como verdadeira comunidade cristã, se primar por uma vida litúrgica verdadeiramente acreditada, vivida e rezada.

A Liturgia na vida das paróquias, como celebração do culto divino e como «anúncio do Evangelho e a caridade em ato» (CCE 1070), implica uma participação «consciente, ativa, e frutuosa» de todos (cf. SC 11) e, por tal, também nesta diocese é um «lugar privilegiado da pastoral»²⁰² que desafia, neste momento concreto da história, os agentes de evangelização a investir energias e forças na formação do povo de Deus para que, formados e informados, os batizados, e/ou os que hão-de receber este sacramento como porta de entrada para a vida em Cristo,

«não entrem neste mistério de fé como estranhos ou espectadores mudos, mas participem na ação sagrada, consciente e piedosamente, por meio duma boa compreensão dos ritos e orações; sejam instruídos pela palavra de Deus» (SC 48).

²⁰⁰ R. BERZOSA, G. GALETTO, *Hablemos de nueva evangelización para que sea nueva y evangelizadora*, 123.

²⁰¹ Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia – a conversão pastoral da paróquia*, 1.

²⁰² M. MATTEO – F. AMHERDT, *Abrir-se à fecundidade do Espírito - fundamentos de uma pastoral de gestação*, 180.

Dentro deste processo de nova evangelização, a Liturgia, «sacramento da unidade»²⁰³, rodeada da «beleza que irradia do interior, uma beleza invisível, ligada ao amor»²⁰⁴ deverá ser entendida como «um reencontro, um diálogo, uma comunhão em que Cristo se abre a nós e onde nós nos oferecemos a Ele»²⁰⁵ e, conseqüentemente, em cada paróquia, ou unidade pastoral, a «devida educação» (SC 14) litúrgica há-de ser uma das primeiras ações a levar a cabo neste desafio evangelizador. É necessário refletir o paradigma liturgia-catequese, uma vez que «não pode haver catequese sem a experiência fundante da liturgia»²⁰⁶; é urgente anunciar e viver as celebrações litúrgicas como um *programa para todos*, especialmente para os mais afastados.

As celebrações litúrgicas, lugares de fé e proposta²⁰⁷, devem ser antecipadamente preparadas (sacerdote, leitores, grupo coral, animadores, ...), para que em cada momento celebrativo os gestos e as palavras tenham sentido na vida, quer na vida espiritual de cada indivíduo em particular, quer na vida da comunidade, evangelizada e evangelizadora. Reflita-se em gestos com um simbolismo familiar e visível que conduza cada pessoa à relação com o invisível. Que sentido têm os gestos, por exemplo, do sacramento do Batismo para a maioria dos que participam, ou só assistem, à celebração deste rito? É necessário, mais que nunca, explicar passo a passo a simbologia da ação ritual. Como nos desafia a Exortação Apostólica *Ecclesia in Europa*:

«é necessário um grande esforço de formação. Tendo como finalidade favorecer a compreensão do verdadeiro sentido das celebrações da Igreja e ainda uma adequada instrução sobre os ritos, tal formação requer uma autêntica espiritualidade e a educação para vivê-la em plenitude» (EEu 73).

²⁰³ José M. G. CORDEIRO, *O bálsamo da unção*, 165.

²⁰⁴ M. MATTEO – F. AMHERDT, *Abrir-se à fecundidade do Espírito - fundamentos de uma pastoral de gestação*, 180.

²⁰⁵ *Ibidem*, 180.

²⁰⁶ Henri DERROITTE (dir.), *15 nuevos caminos para la catequesis hoy*, 132.

²⁰⁷ Marcelo SEMERARO, «Liturgia y nueva evangelización» in *La Liturgia en la vida de la Iglesia. Culto y celebración*, José GUTIÉRREZ-MARTIN (dir.), EUNSA, Navarra (2007), 316.

Assim, a insistência para a qualidade da forma como se realizam as celebrações litúrgicas, para uma maior clareza e familiaridade dos seus gestos e para uma plena «participação ativa dos fiéis (clérigos, religiosos e leigos)»,²⁰⁸ no mistério, cremos que passa pela importância que cada paróquia deve dar à catequese litúrgica, que «explica o conteúdo das orações, o sentido dos gestos e dos sinais, educa para a participação ativa, para a contemplação e para o silêncio» (DGC 71) e ao ambiente/espço em que decorre cada celebração litúrgica. Com isto, parece-nos importante apelar e convidar a algumas mudanças, atentemos:

a) *Entender as celebrações litúrgicas como meio de nova evangelização*

As celebrações litúrgicas, especialmente a celebração do Sacramento da Eucaristia, devem ser entendidas como o ponto de chegada e de partida para todo o processo evangelizador, enraízam-se plenamente no mandato de Jesus Cristo, «fazei isto em memória de mim» (Lc 22, 19).

A vivência em torno da liturgia é, além de celebrar «a ação salvífica de Cristo na Igreja»²⁰⁹, um encontro com pessoas, com pessoas tais como elas são e não como nós desejaríamos que fossem²¹⁰, fazendo com que haja um olhar de esperança para a revitalização da vida paroquial à volta das celebrações. O desafio evangelizador tem nas celebrações litúrgicas um aliado que ajuda à pastoral de acolhimento e de proposta, ou seja de nova evangelização. Nasce, por exemplo, dos sacramentos e do acesso a eles, por parte de cristãos afastados, a oportunidade de um novo diálogo pastoral que encontrará caminhos para os aproximar da fé verdadeira e de os comprometer com a comunidade eclesial.

²⁰⁸ J. M. CORDEIRO, Carta Pastoral por ocasião do Ano da Fé: *Liturgia, a primeira escolha da fé*, 20.

²⁰⁹ J. M. CORDEIRO, Carta Pastoral por ocasião do Ano da Fé: *Liturgia, a primeira escolha da fé*, 22.

²¹⁰ Cf. Benoît MALVAUX, «O acesso aos sacramentos. Praticar a abertura sem os depreciar», in Ph. Bacq – C. Theobald, *Uma nova oportunidade para o Evangelho – para uma pastoral de gestação*, 135.

Os agentes de evangelização, abertos à fecundidade do Espírito que convida a considerar o tempo de hoje com perspectivas diferente do tempo passado, hão-de contemplar a Liturgia não como um «conjunto de rubricas e de detalhes cerimoniais»²¹¹, mas um desafio e uma novidade que Deus coloca à nossa reflexão, ela que é «primeira e a grande escola permanente da fé e da vida espiritual»²¹².

Acordar do «sonho de um regresso impossível àquilo que se chamava cristandade»²¹³, com igrejas cheias de fiéis leigos que passivamente aceitavam, inclusive no campo dos sacramentos, o que a Igreja ensinava, para a viragem e vivência real e atual com aqueles que hoje questionam e confrontam a doutrina eclesial, dispondo da parte dos agentes uma atitude de conversão e, por ventura, um novo reconhecer nas motivações de quem se aproxima um ato de fé, que desafia da parte dos evangelizadores uma renovada capacidade de responder, iluminados pela Palavra de Deus e com a doutrina da Igreja.

b) *Exercer a ministerialidade litúrgica*, como testemunho de corresponsabilidade

Na vida litúrgica «todos os membros da Igreja, e cada um deles, são jornaleiros que trabalham no Vinha do Senhor» (ChL 14) e por isso, todos e cada um, atendendo ao seu modo de vida, são chamados a contribuir para a beleza celebrativa: «nas celebrações litúrgicas, limite-se cada um, ministro ou simples fiel, exercendo o seu officio, a fazer tudo e só o que é de sua competência, segundo a natureza do rito e as leis litúrgicas» (SC 28).

O ministro ordenado, dom para a comunidade à qual serve²¹⁴, com arte, com gestos e em nome de Cristo, é o primeiro a quem se lhe impõe reconhecer os dons dos fiéis leigos e fomentar a sua participação nos vários ministérios, tendo sempre, e agora mais que

²¹¹ José M. G. CORDEIRO, «Carta Pastoral por ocasião do Ano da Fé: “Liturgia, a primeira escola da fé”», 7.

²¹² *Ibidem*, 5.

²¹³ Benoît MALVAUX, «O acesso aos sacramentos. Praticar a abertura sem os depreciar», in Ph. Bacq – C. Theobald, *Uma nova oportunidade para o Evangelho – para uma pastoral de gestação*, 153.

²¹⁴ Cf. DOCUMENTO DE APARECIDA, 193.

nunca, a ousadia de chamar quem nunca exerceu qualquer tipo de ministério. Um convite frontal e pessoal, pois se «chamar dá ao outro a possibilidade de acontecer, de nascer para si mesmo»²¹⁵, então na Igreja este chamamento poderá também abrir a receptividade a que novos colaboradores descubram a sua responsabilidade cristã. Tal como nos afirma Rouet:

«acontece que, em nome de uma falsa concepção de liberdade, nós não ousamos chamar. Ora, não há liberdade possível senão na possibilidade de resposta. O apelo constitui o modo privilegiado para suscitar seres livres e responsáveis»²¹⁶.

Para que se exerça a ministerialidade nas paróquias, visto que a «relação entre a hierarquia e o laicado são muito importantes no trabalho eclesial»²¹⁷, é necessário insistir e tornar claro de que «todos somos Igreja e todos fazemos a Igreja»²¹⁸, todos formam o «povo que peregrina para Deus» (EG 111), de forma a que os fiéis leigos compreendam que a unidade («todos somos») e a corresponsabilidade («todos fazemos») são condições indispensáveis para uma verdadeira comunidade de Cristo, onde todos os indivíduos unidos, «e não como seres isolados» (EG 113), são chamados a participar, com harmonia²¹⁹, na missão evangelizadora da mesma, «antes de programar iniciativas concretas, é preciso promover uma espiritualidade de comunhão» (NMI 43).

As celebrações litúrgicas «entendidas e vividas com um sentido de comunhão orgânica entre o sacerdócio comum e o sacerdócio ministerial»²²⁰, o que implica uma necessária «colaboração fraterna e dinâmica entre os pastores e os fiéis no mais absoluto no que respeita aos direitos, deveres e funções, onde cada um desempenha as suas próprias

²¹⁵ M. MATTEO – F. AMHERDT, *Abrir-se à fecundidade do Espírito - fundamentos de uma pastoral de gestação*, 190.

²¹⁶ A. ROUET, *Un nouveau virage d'Église. L'expérience des communautés locales à Poitiers*, 162.

²¹⁷ Raymundo Heraldo MAUÉS, «Os novos movimentos eclesiais e a ética familiar católica: uma nova cristandade?», in *TOMO 14* (2009), 68.

²¹⁸ Joan BASTARD, *Corresponsabilidad y participación en la parroquia – el Consejo Pastoral Parroquial*, 86.

²¹⁹ Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta Pastoral «Como eu vos fiz, fazei vós também» Para um rosto missionário da Igreja em Portugal*, 8 [<http://bit.ly/1jdSrNJ> (24/09/2015)].

²²⁰ CONGREGAÇÃO PARA AO CLERO, *O Presbítero, Pastor e Guia da Comunidade paroquial*, 18.

competências e a sua própria responsabilidade»²²¹, podem alargar o sentido de corresponsabilidade dos fiéis leigos. É nesta comunhão unificante, através da Liturgia, que as comunidades se apresentam como a «expressão mais imediata e visível» (ChL 26) da vontade de Deus em «santificar e salvar todos os homens, não individualmente, excluída qualquer ligação entre eles, mas constituindo-os em povo que O conhecesse na verdade e O servisse santamente» (LG 9).

A Constituição dogmática *Lumen Gentium*, neste sentido, é clara quando afirma:

«o sacerdócio comum dos fiéis e o sacerdócio ministerial ou hierárquico, embora se diferenciem essencialmente e não apenas em grau, ordenam-se mutuamente um ao outro; pois um e outro participam a seu modo, do único sacerdócio de Cristo. Com efeito, o sacerdote ministerial, pelo seu poder sagrado, forma e conduz o povo sacerdotal, realiza o sacrifício eucarístico fazendo as vezes de Cristo e oferece-o a Deus em nome de todo o povo; os fiéis, por sua parte, concorrem para a oblação da Eucaristia em virtude do seu sacerdócio real, que eles exercem na recepção dos sacramentos, na oração e ação de graças, no testemunho da santidade de vida, na abnegação e na caridade operosa» (LG 10).

O teólogo Maués, na mesma linha de comunhão ministerial, expõe que

«quando a hierarquia excede as suas funções, o Espírito suscita nos leigos um movimento que serve para vivificar a Igreja e, quando os leigos se excedem, a hierarquia atua controlando os exageros»²²².

c) *Motivar a participação do ministério da música e do canto*

No exercício da ministerialidade, entre os ministérios e expressões na vida litúrgica, cremos que a música, «tesouro de inestimável valor» (SC 112) e o canto, que «desempenham a sua função de sinais, de um modo tanto mais significativo, quanto mais “intimamente estiverem unidos à ação litúrgica”» (CCE 1157), são prioridades a ter na

²²¹ *Ibidem*, 18.

²²² Raymundo Heraldo MAUÉS, «Os novos movimentos eclesiais e a ética familiar católica: uma nova cristandade?», in *TOMO 14* (2009), 68.

vida litúrgica das paróquias. A eleição e a explicação teológica dos cânticos apropriados para cada celebração, os devidos ensaios e, inclusive, a comunhão /encontro entre aqueles que vão desempenhar esta função, são momentos de nova evangelização pois, além de cumprirem alguns dos critérios para a beleza da celebração, «a beleza expressiva da oração, a participação unânime da assembleia nos momentos previstos e o carácter solene da celebração» (CCE 1157), são um momento favorável quer para a intimidade com a Palavra de Deus, quer para o encontro e a proximidade do sacerdote com os fiéis leigos, de onde podem brotar oportunidades de partilha e de mudança.

d) Exortar ao compromisso social como consequência da fé em Cristo

A Liturgia, especialmente no sacramento da Eucaristia, ao celebrar o mistério de Cristo, possui também ela, um «conteúdo inevitavelmente social: no próprio coração do Evangelho, aparece a vida comunitária e o compromisso com os outros» (EG 177). Como nos aponta o papa Francisco:

«Confessar que o Filho de Deus assumiu a nossa carne humana significa que cada pessoa humana foi elevada até ao próprio coração de Deus. Confessar que Jesus deu o seu sangue por nós impele-nos de ter qualquer dúvida acerca do seu amor sem limites que enobrece todo o ser humano» (EG 178).

Sendo as celebrações litúrgicas sinais da ação de Cristo na elevação da dignidade humana, convidam a contemplar de forma diferente o quotidiano e, centrando toda a primazia em Cristo, deverão inculcar nos indivíduos o desejo de,

«procurar Nele a própria mentalidade, as próprias aspirações, as próprias atitudes fundamentais, os próprios preconceitos, as próprias forças e limitações, com um espírito de discernimento»²²³.

As realidades contempladas nas celebrações litúrgicas, unidas à experiência quotidiana de cada pessoa, revelam uma profissão de fé no Deus que abre à humanidade uma vida no

²²³ Pierre DAVIAU, «Espiritualidade de gestação e práxis pastoral», in Ph. Bacq – C. Theobald, *Uma nova oportunidade para o Evangelho – para uma pastoral de gestação*, 183.

Espírito e esta vida, «chamamento de Deus para um tempo novo»²²⁴, tem obrigatoriamente de ser transmitida e partilhada com todos aqueles que ainda andam à procura de Deus, à procura de uma espiritualidade que «faz bem, que traz qualquer coisa mais à realização das potencialidades de cada indivíduo, que assegura a paz interior, a reconciliação consigo mesmo, a calma e o equilíbrio»²²⁵.

Verdadeiramente celebradas e entendidas contribuirão para refazer o tecido da comunidade, experimentando o sentido familiar das paróquias, e abrir a oportunidade para uma caminhada espiritual. À luz do exemplo de Cristo e da liberdade da Palavra, favorecer para o encontro e o encanto com os outros que andam afastados, «um impulso para o outro, um empenhamento autêntico e libertador, rico de novas potencialidades»²²⁶. É necessário realçar a importância das celebrações litúrgicas na vida pessoal de cada indivíduo, no espaço onde se encontram, numa «expressão comunitária de caridade»²²⁷. A Eucaristia, por exemplo, será vivida plenamente se cada crente transportar para fora das portas das igrejas o anúncio da salvação universal, «derramado por todos, para remissão dos pecados» (Oração Eucarística II), procurando no mundo cheio de contrastes, um sentido de vida, de direcção e de significado²²⁸.

Só com compromisso social e público é que a liturgia será caminho de nova evangelização, na certeza de que ela é uma ciência e uma arte de tornar os sinais de Cristo profundamente comunicativos²²⁹.

²²⁴ Juan Carlos MARTOS, *Não deixemos que nos roubem a esperança!*, 4.

²²⁵ Pierre DAVIAU, «Espiritualidade de gestação e práxis pastoral», in Ph. Bacq – C. Theobald, *Uma nova oportunidade para o Evangelho – para uma pastoral de gestação*, 183.

²²⁶ *Ibidem*, 187.

²²⁷ MENSAGEIRO DE BRAGANÇA, Ano XXVIII, nº 1162, 14 de abril de 1967, Art. «Primeiro Curso de actualização pastoral do Clero de Bragança», 3.

²²⁸ Cf. Gilles ROUTHIER, «Una catequesis en la que la comunidad cristiana en su conjunto es a la vez catequizante e catequizada», in Henri DERROITTE (dir.), *15 nuevos caminos para la catequesis hoy*, 16.

²²⁹ Cf. José M. G. CORDEIRO, Carta Pastoral por ocasião do Ano da Fé: *Liturgia, a primeira escolha da fé*, 20.

Conclusão

«A fé não é um facto privado, uma concepção individualista, uma opinião subjectiva, mas nasce duma escuta e destina-se a ser pronunciada e a tornar-se anúncio» (LF 22).

Citamos esta frase no término desta dissertação como sùmula que traduz, de forma sintética, mas expressiva, aquilo a que se destina a nova evangelização.

O percurso percorrido, desde a concepção de nova evangelização na perspetiva dos últimos três pontífices, passando pelo panorama social e eclesial da diocese que nos propusemos apresentar, até às propostas que convidam a percorrer um novo caminho evangelizador onde prevalece o encontro com os fiéis leigos, levando-os à experiência de Deus, não esgota o tema que nos propusemos tratar.

O resultado da pesquisa acerca da nova evangelização, tema central desta dissertação, consciencializa-nos de que a nova evangelização nas paróquias é um caminho desafiador e exigente de *saída*, de proximidade e de encontro. Um convite a sair de si mesmas, do conforto da igreja paroquial e da casa familiar, comumente em espera; a uma maior proximidade com os mais débeis, os mais necessitados, espiritual e materialmente; ao encontro dos irmãos, especialmente os mais afastados, apresentando de forma credível a imagem do Pai que está com as portas abertas de sua casa para acolher o filho (Cf. Lc 15, 11-32).

As diferentes perspectivas evangelizadoras que os últimos três pontífices nos apresentam deixam claro que a Igreja, fiel ao Espírito Santo, continua a perguntar-se sobre a forma de se apresentar no mundo e isso é, em cada cultura, o ponto de partida

para a nova evangelização. O mesmo acontece nesta diocese de Bragança-Miranda que quisemos estudar: como pode apresentar-se em nova evangelização!

Acreditamos que a paróquia, fundamental para a vida pastoral da Igreja, é a primeira instituição a ser repensada no caminho da nova evangelização. Após o diagnóstico da situação social e eclesial da diocese Bragança-Miranda cremos que o remédio passa por rever o modo como se anuncia e se vive hoje o Evangelho e por consciencializar a porção do povo de Deus nesta igreja particular para as implicações que o Evangelho compromete: experiência de Deus; acolhimento e proximidade; vida litúrgica.

Embora haja consciência das limitações das comunidades, acreditamos que só na paróquia, pela paróquia e com a paróquia, «Igreja que vive no meio das casas dos seus filhos e das suas filhas» (ChL 26), os fiéis podem viver a experiência do encontro com Cristo e a experiência da comunhão com os irmãos. Nos dias de hoje, aquando da reflexão do estado espiritual desta diocese, falar de nova evangelização nas paróquias é querer-se continuar fiel ao mandato de Jesus: «ide por todo o mundo, pregai o Evangelho» (Mc 16, 15).

Numa diocese onde subsiste uma enraizada vivência eclesial à volta da Eucaristia e do sacerdote, este processo de nova evangelização paroquial, especialmente fundado na Palavra divina, é desafiador e pretende abrir novos caminhos de relação com Deus, mostrando que a fé, compreendida na Sagrada Escritura e vivida na comunhão dos irmãos, oferece um olhar de esperança no decorrer dos dias de cada um dos homens e mulheres que se deixam tocar por Cristo. Há ainda um longo caminho a percorrer, mas Cristo, hoje como ontem, continua a convidar, «vem e segue-me» (Mt 19, 21), e isso é um claro convite a que todos os homens e mulheres tomem parte no lugar que lhe está guardado na grande família de Deus e a comunhão nas paróquias é já uma antevisão da comunhão eterna.

Ainda longe, mas já nos caminhos que aqui traçamos, as paróquias precisam de voltar a ouvir falar da verdadeira doutrina de Jesus e de sentir o amor de Deus, que encarnando se fez Homem e manifestou de forma clara que ter fé é estar em encontro, em proximidade, em diálogo, em abertura. Na Encarnação encontramos o método a seguir para a nova evangelização: sair de nós mesmos e encarnar a vida de tantos homens e mulheres, *de boa vontade*, que perderam o sentido de pertença à família de Deus. Iluminar as sombras desta Igreja Particular com as luzes amorosas do Evangelho para que cada pessoa e cada família, na respetiva paróquia, e a totalidade da diocese, se realizem plenamente e descubram que precisam da graça de Deus para amar e ser fiel ao amor. Confiamos nos frutos deste novo agir evangelizar, tal como na presença de Cristo, «*Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos*» (Mt 28, 20).

Quiseram-se aqui nesta dissertação apresentar alguns caminhos oportunos para uma pastoral que se dispõe a ser interlocutora, estudando os problemas e expectativas de cada um dos homens de hoje, na certeza de que a palavra de Deus é viva e eficaz e confiamos nas palavras d'Aquele que nos diz: «*tudo o que fizerdes a um destes mais pequeninos, é a Mim que o fazeis*» (Mt 25, 40).

Não se esgotam aqui os caminhos que podem ser peregrinados no processo da nova evangelização das paróquias. Apenas se apresentaram alguns para convidar à reflexão e à mudança para que se manifeste ainda mais a consciência de que hoje a fé cristã não pode mais ser de transmissão mas de decisão pessoal.

BIBLIOGRAFIA

Documentos do Magistério

SACROSSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, Constitutio Dogmatica «*Dei Verbum*» (18 Novembrii 1965) in *AAS* 58 (1966) 817-836.

- Constitutio de Sacra Liturgia «*Sacrossanctum Concilium*» (4 decembrii 1963) in *AAS* 56 (1964) 97-138.

- Constitutio Dogmatica «*Lumen Gentium*» (21 novembrii 1964) in *AAS* 57 (1965) 5-67.

- Constitutio Pastoralis «*Gaudium et Spes*» (7 decembrii 1965), in *AAS* 58 (1966), 1025-1115.

- Decretum «*Ad Gentes*» (7 decembrii 1965), in *AAS* 58 (1966), 947-990.

- Decretum «*Christus Dominus*» (28 octobris 1965), in *AAS* 58 (1966), 673-696.

- Decretum de Presbyterorum Ministerio et Vita «*Presbyterorum Ordinis*» (7 decembrii 1965), in *AAS* 58 (1966), 991-1024.

- Decretum «*Unitatis Redintegratio*» (21 novembrii 1964), in *AAS* 57 (1965), 90-112.

IOANNES PP. XXIII, Allocutio «*Gaudet Mater Ecclesia*» (11 octobris 1962), in *AAS* 54 (1962), 786-795.

- «*Romanae Synodi Sessiones*», in *AAS* 52 (ianuarii 1960), 201-261.

PAULUS PP. VI, Adhortatio Apostolica *Evangelii Nuntiandi* (8 decembrii 1975), in *AAS* 68 (1977), 5-76.

- Decretum de Apostolatu Laicorum «*Apostolicam Actuositatem*» (18 decembrii 1965), in *AAS* 59 (1966), 837-864.

- Litterae Encyclicae *Ecclesiam Suam* (6 augusti 1964), in *AAS* 56 (1964), 609-659.

- IOANNES PAULUS PP. II, Adhortatio Apostolica *Catechesi tradendae* (16 octobris 1979), in *AAS* 71 (1980), 1277-1340.

- Adhortatio Apostolica Post – synodalis *Christifideles Laici* (14 aprilis 1989), in *AAS* 81, 393-521.

- Adhortatio Apostólica Post-Sydonalis *Ecclesia in Europa* (28 iunii 2003), in *AAS* 95 (2003), 649-719.

- Adhortatio Apostolica *Familiaris Consortio* (3 februarii 1982), in *AAS* 79 (1983), 31-191.

- Adhortatio Apostolica *Vita consecrata* (25 martini 1996), in *AAS* 88 (1996), 377-486.

- Epistula Apostolica *Novo Millennio Ineunte* (7 ianuarii 2001), in *AAS* 93 (2001), 266-309.

- Epistula Apostolica *Tertio Millennio Adveniente* (10 novembrii 1994), in *AAS* 87, 5-41.

- Litterae Encyclicae *Evangelium Vitae* (25 martini 1995): in *AAS* 87 (1995), 408 – 433.

- Litterae Encyclicae *Redemptor Hominis* (4 martini 1979), in *AAS* 71 (1980), 257-324.

- Litterae Encyclicae *Redemptoris Missio* (7 decembrii 1990), in *AAS* 83 (1991), 249-340.

- BENEDICTUS PP. XVI, - Litterae Apostolicae *Porta Fidei* (11 octobri 2011), in *AAS* 103 (2011), 723-734.

- Litterae Apostolicae *Ubi cumque et Semper* (21 setembro 2010), in *AAS* 102 (2010). 788-792.
- Litterae Encyclicae *Caritas in Veritate* (29 iunii 2009), in *AAS* 101 (2009), 641-709.
- Litterae Encyclicae *Deus Caritas est* (25 decembrii 2005), in *AAS* 98 (2006), 217-252.
- Litterae Encyclicae *Spe Salvi* (30 novembrii 2007), in *AAS* 99 (2007), 985-1027.
- FRANCISCUS PP., Adhortatio Apostolica *Evangelii Gaudium* (24 novembrii 2013), in *AAS* 105 (2013), 1019-1137.
- Litterae Apostolicae *Misericordia et misera* (20 novembrii 2016),
- Litterae Encyclicae *Lumen Fidei* (29 iunii 2013), in *AAS* 105 (2013), 555-596.
- CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, Carta *A Igreja rejuvenesce*, Paulus Editora, Lisboa, 2016.
- CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, Instrução *Donum Veritatis* - sobre a vocação eclesial do teólogo (24 de maio de 1990), in *AAS* 82 (1990) 1557.
- CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Directório Geral da Catequese*, SNEC, Lisboa, 1997.
- CONCELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA, *Léxico da Família. Termos ambíguos e controversos sobre a Família, Vida e aspectos éticos*, Princípiã, Cascais, 2010.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2ª edição revista e actualizada, Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1999.
- CONCELHO PONTIFÍCIO «JUSTIÇA E PAZ», *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, Princípiã, Cascais, 2005.

Livros

ANDRES, Miguel Payá, *La parroquia, comunidad evangelizadora. Curso de renovación parroquial*, PPC Editorial, Valência, 2005.

- *La planificación pastoral al servicio de la evangelización*, PPC Editorial, Madrid, 1996.

AUGUSTIN, George, KRÄMER, Klaus, *El desafío de la nueva evangelización. Impulsos para la revitalización de la fé*, [trad. esp.: José Manuel Lozano – Gotor Perona, Sal Terrae, Santander, 2012].

BACQ, Philippe, THEOBALD, Christoph, *Uma nova oportunidade para o Evangelho – para uma pastoral de gestação*, [trad. port.: Maria do Rosário Pernas, Paulinas, Prior Velho, 2013].

BASTARD, Joan, *Corresponsabilidad y participación en la parroquia – el Consejo Pastoral Parroquial*, PPC Editorial, Madrid, 1995.

BERGOGLIO, Jorge Mário, *Meditaciones para religiosos*, Ediciones Mensagero, Madrid, 2014.

BERGOSA, Raúl – GALETTO, Gerardo, *Hablemos de nueva evangelización. Para que sea nueva y evangelizadora*, Desclée de Brouwer, Bilbao, 2012.

BÍBLIA SAGRADA, Difusora Bíblica, Franciscanos Capuchinhos, Lisboa / Fátima 2002.

CASTRO, José de, *Bragança-Miranda I*, Porto Médico, Porto, 1946.

- *Bragança-Miranda II*, Porto Médico, Porto, 1947.

- *Bragança-Miranda III*, Porto Médico, Porto, 1948.

- *Bragança-Miranda IV*, Porto Médico, Porto, 1951.

CANTALAMESSA, Raniero, *Horizontes para uma nova evangelização*, [trad. port.: Isabel Maria Alçada Cardoso, Paulus, Lisboa, 2013].

COMISSÃO DE ARTE SACRA DE BRAGANÇA-MIRANDA, Actas, Congresso Histórico 450 anos da Fundação, *Páginas da História da Diocese de Bragança-Miranda: “Recordando o passado, celebramos o presente e preparamos o futuro”*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1997.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, *Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Conclusões da Conferência de Puebla*, 2ª ed. São Paulo, Paulinas Editora, 1979.

- *Nova evangelização, promoção humana, cultura cristã. Conclusões da Conferência de Santo Domingo*, 11ª ed. São Paulo, Loyola, 1997.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL EMILIA-ROMAGNA, *Religiosidade alternativa, seitas, espiritismo – Desafio cultural, educativo e religioso*, Lisboa, Paulus Editora, 2016.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, Carta Pastoral «*Como eu vos fiz, fazei vós também*» *Para um rosto missionário da Igreja em Portugal*, Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, Lisboa, 2010.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia – a conversão pastoral da paróquia*, 52ª Assembleia Geral, Aparecida – SP., (2014), 4ª versão, Ed. CNBB, Brasília, 2014.

CORDEIRO, José, *A Árvore do Pão*, Domus Ecclesiae, Bragança, 2014.

- Carta Pastoral por ocasião do Ano da Fé: *Liturgia, a primeira escola da fé*, Paulus, Lisboa, 2012.

- *Corações ao alto. Introdução à liturgia da Igreja*, Paulus, Lisboa, 2014.

- *O bálsamo da unção*, Domus Ecclesiae, Bragança, 2015.

- *O grão de amendoeira*, Pedra Angular, Lisboa, 2010.

COUTO, António, *Os desafios da nova evangelização*, Paulus, Lisboa, 2014.

DERROITTE, Henri, *15 nuevos caminos para la catequesis hoy*, Sal Terrae, Santander, 2008.

DIOCESE BRAGANÇA-MIRANDA, *Estatutos, Normas e Diretivas – Diocese de Bragança-Miranda*, Domus Ecclesiae, Bragança, 2015.

FERRÃO, João, “Dinâmicas Demográficas: uma visão panorâmica” in *Geografia de Portugal – Sociedade, Paisagens e Cidades* (Vol 2), Rio de Mouro: Printer Portuguesa Industria Gráfica LD^a – Circulo de Leitores e Autores (2005), 50-71.

FISICHELLA, Rino, *La nueva evangelización*, Sal Terrae, Santander, 2012.

GAMA, José, *Mirandela – Cidade Jardim*, Edições da Câmara Municipal de Mirandela, Mirandela, 1997.

GÓMEZ, Carlos Herley Oviedo, *Plan de formación para ministros de la palabra*, San Pablo, Colômbia, 2011.

GONÇALVEZ, Luís, SANTABÁRBARA, Carvajal, *Os cristãos num estado laico*, [trad. port.: Margarida Maria Osório Gonçalves, Gráfica de Coimbra 2, Coimbra, 2010].

LEVINÁS, Emmanuel, *Ética e Infinito*, Edições 70, Lisboa, 1988.

- *Totalidade e Infinito*, Edições 70, Lisboa, 1989.

MATTEO, Marie-Agnés de, – AMHERDT, François-Xavier, *Abrir-se à fecundidade do Espírito – fundamentos de uma pastoral de gestação*, [trad. port.: Cristiana Rodriguez e Artur Guerra, Paulinas Editora, Prior Velho, 2016].

NETO, Tiago Miguel Fialho, *Hora de mudança na transmissão do fé - A urgência da pastoral de gestação*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2016.

RATZINGER, Joseph, *Diálogos sobre a fé*, Editorial Verbo, Lisboa, 2005.

ROUET, Albert, *Un nouveau virage d'Église. L'expérience des communautés locales à Poitiers*, Paris, Bayard, 2005.

SCHILLEBEECKS, Edward, *Cristo, o sacramento do encontro com Deus: estudo teológico sobre a salvação mediante os sacramentos*, Vozes, Petrópolis, 1967.

SISTACH, Lluís Martínez, *A Pastoral das grandes cidades*, [trad. port.: Isabel Maria Alçada Cardoso, PAULUS Editora, Lisboa, 2016].

Publicações periódicas

BARREIRO, Álvaro, “As Comunidades Eclesiais de Base como modelo inspirador da nova evangelização” in *Perspetiva Teologica* 24 (1992), 331-356.

BIEMMI, Enzo, «Un Église “en sortie”. La conversion pastorale et catéchétique d’Evangelli gaudium», in *Lumen Vitae* 70 (2015), 29-30.

CALIMAN, Cleto, “Evangelizar num mundo plural: paróquias evangelizadoras” in *Horizonte: Belo Horizonte* 5, n. 10 (2007), 32-42.

DONZE, MARC, «Le virage vers la proposition de la foi ne fait que commencer», in *Évangile et Mission*, 4 (2008), 167-174.

FRANCISCUS PP., *Meditação matutina da Missa celebrada na capela Domus Sanctae Marthae* (8 de Maio de 2013) in *L’Observatore Romano*, ed. em português, n. 19 de 12 de Maio de 2013.

HACKMANN, G. L. B. – CAMARGO, Tiago À., «A expressão “nova evangelização” e o seu desenvolvimento: do pontificado de João XXIII a Francisco» in *ATeo* v.20, n. 54 (2016), Rio de Janeiro, 623-643.

MAIER, Martin, “A nova evangelização na europa” in *Perspetiva Teologica*, Belo Horizonte, Ano 45, nº 125 (2013), 61-81.

MATEUS, M^a do Nascimento, “In(ex)clusão dos imigrantes em Bragança” in *Educação Social: Imigrantes e Comunidades Locais*. EDUSER: revista de educação, Vol. 1, 2009.

MAUÉS, Raymundo Heraldo, «Os novos movimentos eclesiais e a ética familiar católica: uma nova cristandade?», in *TOMO* 14 (2009), 67-97.

MENSAGEIRO DE BRAGANÇA, Ano XXVIII, nº 1162, 14 de abril de 1967, Art. «Primeiro Curso de actualização pastoral do Clero de Bragança», 3.

SCANNONE, Juan Carlos, “El papa Francisco y la teología del Pueblo” in *Razón y Fe*, nº 1385 (2014), 31-50.

SEMERARO, Marcelo, «Liturgia y nueva evangelización» in *La Liturgia en la vida de la Iglesia. Culto y celebración*, José GUTIÉRREZ-MARTIN (dir.), EUNSA, Navarra (2007), 314-317.

SIQUEIRA, Djalma Lopes, «Princípios eclesiológicos de um plano diocesano de nova evangelização» in *Medellín*, vol. XXXIX, nº154 (2013), 269-309 – ISSN 0121-4977, Bogotá-Colômbia.

SONEIRA, Abelardo Jorge, «Tradición y campo católico em América Latina» in *Sociedad y Religión* 22, Buenos Aires (2002), 89-96.

Webgrafia

ANUÁRIO CATÓLICO [<http://bit.ly/2g2LDtV> (03/12/2016)].

BENEDICTUS PP. XVI, *Discurso à Cúria Romana para a apresentação dos bons votos de Natal* (21 de dezembro de 2009), [<http://bit.ly/1Zmgnpb> (10/10/2015)].

- *Discurso à primeira assembleia plenária do Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização* (30 de maio de 2011), [<http://bit.ly/1jiHjVX> (10/10/2015)].

- *Discurso ao Mundo da Cultura*, [<http://bit.ly/1G3e2Ja> (27/05/2015)].

- *Discurso aos trabalhadores do mundo do espectáculo itinerante promovido pelo Pontifício Conselho para a pastoral dos Migrantes e Itinerantes* (1 de dezembro de 2012), [<http://bit.ly/2gnwq5m> (24/11/ 2016)].

- *Discurso no Congresso Internacional organizado pelo Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização* (15 de outubro de 2011), [<http://bit.ly/1LuGNLf> (27/05/2015)].

- *Homilia da Santa Missa para a Nova Evangelização* (16 de Outubro de 2011), [<http://bit.ly/1QeHuMQ> (09/10/2015)].

- *Homilia de Primeiras Vésperas da Solenidade dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo* (28 de Junho de 2010), [<http://bit.ly/1Zma0lX> (09/10/2015)].

- *Homilia na celebração eucarística com os membros da Comissão Teológica Internacional*, [<http://bit.ly/1OZjwru> (06/10/2015)].

- *Mensagem para o 46º Dia Mundial das Comunicações Sociais «Silêncio e Palavra: caminho de evangelização»* (20 de Maio de 2012), [<http://bit.ly/1RyGeoG> (09/10/2015)].

BIBLIOTECA DIGITAL DO INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA
[<http://bibliotecadigital.ipb.pt> (05/11/2016)].

DIOCESE BRAGANÇA-MIRANDA, *Decreto 14/2012 – As Unidades Pastorais na Diocese de Bragança* [<http://bit.ly/2g2FFuR> (06/12/2016)].

- *Entrevista de D. José Cordeiro ao “Mensageiro de Bragança*, [<http://bit.ly/2gWrJ2R> (05/12/2016)].

FRANCISCUS PP., *Discurso aos bispos da Conferência Episcopal da Suíça em visita “ad limina apostolorum”* (1 de Dezembro de 2014), [<http://bit.ly/1N4iSWs> (09/10/2015)].

- *Mensagem para o Dia Mundial das Missões* (24 de maio de 2015)
[<http://bit.ly/1jg6hpD> (10/06/2015)].
- HIGUET, Etienne, «Alguns aspectos do catolicismo brasileiro actual – considerações a partir da visão da modernidade em Paul Tillich» in *Eletrónica Correlatio*, n. 1 (2002),
[<http://bit.ly/2iZBMoQ> (11/01/2016)].
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA [<http://bit.ly/2jsDzkQ> (04/08/2016)].
- IOANNES PAULUS PP. II, *Discurso na Abertura da XIX Assembleia do CELAM* (9 de março de 1983), [<http://bit.ly/1jlfQDI> (17/05/2015)].
- *Discurso dirigido aos Bispos da América Latina, reunidos em Santo Domingo no V Centenário da primeira evangelização* (12 de outubro de 1984),
[<http://bit.ly/2e24ZN4> (19/05/2015)].
- *Discurso durante o encontro com os professores de Teologia em Altotting* (18 de novembro de 1980), [<http://bit.ly/1P4tlEs> (27/05/2015)].
- *Discurso no Encerramento do Congresso Internacional sobre a Actuação dos Documentos conciliares* (27 de fevereiro de 2000), [<http://bit.ly/1R80Ovf> (17/05/2015)].
- *Discurso por ocasião da entrega do «Prémio Internacional Paulo VI» a Hans Urs von Balthasar* (23 de junho de 1984), [<http://bit.ly/1N49Usg> (25/05/2015)].
- *Homilia na catedral de Wawel no encerramento do Sínodo Arquidiocesano de Cracóvia* (8 de Junho de 1979), [<http://bit.ly/1No2q7a> (23/11/2015)].
- *Homilia no Santuário de Santa Cruz em Mogila* (9 de junho de 1979),
[<http://bit.ly/1OpPzAM> (15/05/2015)].
- LOPES, Ana Maria Costa, “Diferenças regionais e os seus reflexos na literatura” in *Portugal: Percursos de Interculturalidade. Vol. III – Matrizes e Configurações* - Alto

Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (ACIME) [<http://bit.ly/2g9wWW6> (06/12/2016)], 155-224.

MAPAS DE PORTUGAL, [<http://bit.ly/1WQaUVB> (08/10/2015)].

MAPAS DO PAÍS, [<http://bit.ly/1P1y0ar> (08/10/2015)].

NOTA PASTORAL DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA: «*Promover a Renovação da Pastoral da Igreja em Portugal*» [<http://bit.ly/21IMPDmG> (16/02/2017)].

PERTINEZ, Joaquim, «Relações Familiares: Manjedoura da Santíssima Trindade na vivência da Paz e da Solidariedade», XVII Congresso Nacional do ECC, Rio Branco, 2005 [<http://bit.ly/2j9G6AF> (05/01/2016)].

PORDATA, Base de Dados Portugal Contemporâneo [<http://bit.ly/2hbFwFK> (06/12/2016)].

PORTAL DO VATICANO, Documentos Pontifícios, [<http://bit.ly/2kIclal> (21/11/2016)].

RATZINGER, J., *Conferência do Jubileu dos Catequistas e Professores em Roma* (10 de Dezembro de 2000), [<http://bit.ly/1jiEuEc> (09/10/2015)].

TEIXEIRA, Alfredo, “Matrizes das crenças em Portugal” in *Portugal: Percursos de Interculturalidade. Vol. III – Matrizes e Configurações* - Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (ACIME) [<http://bit.ly/2gRUbT7> (07/12/2016)].

TEIXEIRA, Alfredo, *Identidades religiosas em Portugal: representações, valores e práticas – 2011*, Resumo do relatório apresentado na Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Portuguesa, Fátima 16 a 19 de Abril de 2014 [<http://bit.ly/2gEGUQ0> (05/12/2016)].

Índice

Resumo	3
Siglário	5
Introdução	7
1. Nova Evangelização	11
1.1. Nova Evangelização segundo João Paulo II	16
1.2. Nova evangelização na perspectiva de Bento XVI	24
1.3. Nova Evangelização segundo Francisco	31
2. Contextualização	39
2.1. Território histórico e geográfico	39
2.2. Caracterização demográfica	43
2.3. Análise contextual	47
2.4. Descrição da Diocese	51
3. Nova evangelização na Igreja Particular de Bragança-Miranda	55
3.1. A Paróquia	58
3.1.1. A Paróquia, casa que se abre à Palavra e à experiência de Deus	60
3.1.2. A Paróquia, lugar de acolhimento	66
3.1.3. A Paróquia, laboratório de movimentos e “comunidade de comunidades”	70
3.1.4. Paróquia, comunidade vivificada e unida pela liturgia	74
Conclusão	83
Bibliografia	87
Índice	98